



**Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

AS ACÇÕES OFENSIVAS QUE RESULTAM EM GOLO

**Análise de variáveis associadas à eficácia da fase ofensiva na 1ªLiga na
Época Desportiva 2010/2011**

Mestrado em Treino Desportivo para Crianças e Jovens

JOÃO NUNO RAPOSO DE ABREU FONSECA

Setembro de 2012



**Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

AS ACÇÕES OFENSIVAS QUE RESULTAM EM GOLO

**Análise de variáveis associadas à eficácia da fase ofensiva na 1ªLiga na
Época Desportiva 2010/2011**

Relatório de Mestrado realizado no âmbito da unidade curricular “Projecto de Dissertação”, referente à VI Edição do Mestrado em Treino Desportivo para Crianças e Jovens, no ano lectivo 2010/2011

Coordenação: Prof. Doutor Manuel João Coelho e Silva e Prof. Doutor António José Figueiredo

JOÃO NUNO RAPOSO DE ABREU FONSECA

Setembro de 2012

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor António José Barata Figueiredo, pela disponibilidade, suporte, motivação extraordinária e sabedoria reconhecida com que sempre me incutiu nestes dois semestres de produção desta Tese. O meu sincero obrigado, pelo acrescento de qualidade com o qual contribuiu de forma directa.

Ao Professor, Mestre, Treinador José Guilherme Granja Oliveira pela constante disponibilidade em me receber na FADEUP, sempre pronto para problematizar, com o seu sentido prático e conhecimento futebolístico reconhecido internacionalmente.

Ao Professor Doutor Manuel João Coelho e Silva por ter sido uma pessoa que, numa fase inicial do trabalho, sempre me ajudou a ser mais crítico face às ideias/problemas que iam surgindo e pela partilha dos seus conhecimentos inextinguíveis relativos à ciência existente em vários contextos desportivos.

À Camila Martins por toda a sua disponibilidade em me ajudar, incentivar e motivar que tantas vezes precisei. Não tenho dúvidas que sem ti, este trabalho nunca tinha sido o mesmo.

Ao Doutor Hugo Relvas pela constante disponibilidade em fluir conhecimentos relativos à análise do sistema Amisco, e por ter ajudado a completar toda a biblioteca dos jogos da Liga Zon Sagres, para que estes fossem possíveis de analisar.

Ao meu Pai, no qual me revejo incondicionalmente pela sua garra, determinação e ambição, que apesar de estar noutra frequência, sempre me transmitiu muita Luz e Força para concluir esta fase do meu percurso académico.

À minha Mãe, Maria da Glória e irmã, Ana Sofia por desde logo perceberem o meu contexto profissional e estarem sempre prontas a ajudar.

RESUMO

Objectivo: O presente trabalho pretende de forma prática e objectiva analisar os momentos que antecedem o golo, desde o momento em que a equipa recupera a bola até finalizar na baliza adversária.

Metodologia: Foram observados 240 jogos da Liga Zon Sagres, onde surgiram 584 golos, marcados ao longo de 30 jornadas que completam a 1ª Liga Portuguesa de Futebol Profissional. A amostra foi constituída por 16 equipas, da denominada Liga Zon Sagres - FCPorto, Benfica, Sporting, SCBraga, V.Guimarães, Nacional, P.Ferreira, Rio Ave, Marítimo, UDLeiria, Olhanense, V.Setúbal, Beira-Mar, Académica-OAF, Portimonense e Naval 1º de Maio. A análise dos golos teve por base a *metodologia observacional* que considerou o início da posse de bola, quando se verifica uma recuperação da bola, de forma direta ou indireta, e o portador: 1) realiza pelo menos três contactos consecutivos com a bola; 2) executa um passe positivo (permite manter a posse de bola). A manutenção/desenvolvimento da posse de bola é o momento onde há conservação da bola com progressão para a baliza adversária. A finalização do processo ofensivo, culmina com o golo através de um remate ou cabeceamento. As variáveis observadas foram numa parte do estudo divididas nas seis primeiras equipas classificadas (G1) e nas seis últimas classificadas (G2). Na outra parte do estudo foram utilizadas as variáveis consoante o resultado aquando o golo, ou seja, estando a perder, empatado ou a ganhar.

Resultados: Da análise dos golos, verificou-se que a média de tempo entre a recuperação e o golo é de 13,94 segundos e o nº de bolas jogadas (pases) é de 4,58 pases. Verificaram-se mais golos marcados sob a forma de bola parada do que em bola corrida, com uma predominância de utilização de 2 corredores (60,8%). O Sector Defensivo surge como sendo o sector onde se recuperam mais bolas, havendo uma predominância da zona central como sendo mais propícia para a recuperação de bolas. O Sector Ofensivo, com predominância clara da zona central, surge como o sector onde é feito o último passe antes do golo, assim como o sector onde se marcam mais golos. Os períodos onde ocorrem maior número de golos, é |16-30], havendo uma maior tendência para os golos serem marcados na segunda parte do jogo. Em 70,2% das situações não houveram situações de um para um antes do golo, sendo que 80,3% (469 golos) das execuções do golo foram efectuadas com o pé sob a forma de remate.

Conclusões: O presente estudo, permite dar uma visão global de que o momento que antecede o golo tem em média, em Portugal, cerca de 5 pases até ser golo e que o tempo médio é de aproximadamente 14 segundos. Verificamos que o padrão de golo em Portugal é a procura imediata de uma situação de finalização, sob a forma de transição.

ABSTRACT

Aim: The aim of the present thesis is to do an objectively analysis of the prior instants which precede the score, from the recovery time of the offensive team until the finalize in the opposing beacon.

Methodology: There were seen 240 games of Zon Sagres' league, where occurred 584 scores, made during 30 competitive days which completed the Portuguese Professional First League. The sample is constitute by 16 teams, of the designed ZOn Sagres League - FCPorto, Benfica, Sporting, SCBraga, V.Guimarães, Nacional, P.Ferreira, Rio Ave, Marítimo, UDLeiria, Olhanense, V.Setúbal, Beira-Mar, Académica-OAF, Portimonense e Naval 1º de Maio. The scores' analysis had its base on the observational methodology that considered the initial domain of the ball, when the ball's recovery is verified, on a directly or indirecty way, and in the player with the ball: 1) at least performs three successive contacts with the ball; 2) execute a positive pass which permit the ball's mantainance. The keeping/developing of the ball's possession is the moment where there is the mantainance of the ball with progress towards the opposing beacon. The completion of the offensive process culminates with a score throughout a shoot or a heading. The noticed variables were divided , in a part of the study, in the first 6 classified teams (G1) and in the last 6 teams classified (G2). On another part of the study, variables were used according to the score, during the match (losing, draw or winning).

Results: Analyzing the goals, it was found that the mean time between recovery and the goal is 13.94 seconds and the number of balls thrown (passes) is 4.58 passes. Exist more goals scored in the form of set pieces than in open play, with a predominance of use of 2 lanes (60.8%). The Defense Sector arises as the sector where recover more balls, with a predominance of the central zone as being more suitable for recovering balls. The Offensive Sector, with clear predominance of the central zone, where it appears as the sector is made the last pass before the goal, as the sector where they score more goals. The periods where they occur most goals, is | 16-30 |, there is a greater tendency for goals being scored in the second half. In 70.2% of cases there were no one to one situations before the goal, with 80.3% (469 goals) the goal of executions have been carried out with the foot in the form of shot.

Conclusions: This study provide a comprehensive overview. 5 passes to score a goal to be the average time is about 14 seconds. We found that the standard goal in Portugal is seeking an immediate situation of completion in the form of transition.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
ÍNDICE GERAL	vi
ÍNDICE DE FIGURAS	viii
ÍNDICE DE TABELAS	x
LISTA DE ABREVIATURAS	xiv
LISTA DE ANEXOS	xiv
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	1
1.1. Preâmbulo	1
1.2. Apresentação do Problema	2
1.3. Objectivos	2
CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA	4
2.1. Contextualização do Futebol, como sistema dinâmico	4
2.2. Observação como ponto de partida para a excelência	5
2.3. Características próprias de uma equipa	6
2.4. Ataque vs Defesa	7
2.5. Metodologias aplicadas a um Modelo de Jogo Ofensivo	8
2.6. Conceito de “posse de bola” relacionado com o processo ofensivo	8
2.7. Zona utilizada para o último passe	10
2.8. Situações de finalização	11
2.9. Os lances de bola parada	11
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	12
3.1. Amostra	12
3.2. Variáveis	12
3.2.1. Proposta Conceptual	12
3.2.2. Categorização do Processo Ofensivo	13
3.2.3. Eventos intencionais em posse de bola: Definições	14
3.2.4. Eventos em simultâneo	17
3.3. Espacialização do Terreno de Jogo	18
3.4. Variáveis utilizadas para o estudo	20
3.5. Questões geradoras do estudo	20
3.6. Tratamento estatístico dos dados	20
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	22
4.1. Estudo descritivo para a totalidade da amostra	22
4.2. Estudo descritivo para os subgrupos da amostra	26
4.3. Estudo correlativo	31

CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	37
5.1. Caracterização dos golos na Liga Zon Sagres (Total da Amostra)	37
5.1.1. Golos	38
5.1.2. Número de corredores utilizados	39
5.1.3. Zona Início do Processo Ofensivo	40
5.1.4. Zona Utilizada para o Último Passe	41
5.1.5. Zona Finalização	42
5.1.6. Período de Ocorrência do Golo	43
5.1.7. 1 vs 1	44
5.1.8. Execução do Golo	44
5.2. Variáveis Observadas consoante a classificação	45
5.2.1. Golos	45
5.2.2. Número de corredores utilizados	47
5.2.3. Zona Início do Processo Ofensivo	48
5.2.4. Zona Utilizada para o Último Passe	49
5.2.5. Zona Finalização	51
5.2.6. Período de Ocorrência do Golo	52
5.2.7. 1 vs 1	53
5.2.8. Execução do Golo	53
5.3. Variáveis observadas consoante o resultado no momento da obtenção do golo	53
5.3.1. Golos	56
5.3.2. Número de corredores utilizados	57
5.3.3. Zona Início do Processo Ofensivo	58
5.3.4. Zona Utilizada para o Último Passe	60
5.3.5. Zona Finalização	62
5.3.6. Período de Ocorrência do Golo	63
5.3.7. 1 vs 1	64
5.3.8. Execução do Golo	64
CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES	65
6.1. Conclusões	65
6.2. Sugestões para futuras pesquisas	68
BIBLIOGRAFIA	69
ANEXOS	74

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Frequência do Número de Corredores - % obtidas.....	39
Figura 2. Zonas de Início do Processo Ofensivo – N° de bolas recuperadas por sector.....	40
Figura 3. Zonas Utilizadas para o Último Passe – N° de passes por sector.....	41
Figura 4. Zonas Finalização – N° de golos por sector ofensivo.....	42
Figura 5. Períodos de Ocorrência do Golo.....	43
Figura 6. Sub-total de Lances de Bola Corrida.....	46
Figura 7. Golos obtidos pelo Número de Corredores – golos obtidos nos grupos G1 e G2.....	47
Figura 8. Zonas de Início do Processo Ofensivo G1 – N° de bolas recuperadas por sector.....	48
Figura 9. Zonas de Início do Processo Ofensivo G2 – N° de bolas recuperadas por sector.....	49
Figura 10. Zonas utilizadas para o Último Passe no G1 – N° de passes por sector.....	50
Figura 11. Zonas utilizadas para o Último Passe no G2 – N° de passes por sector.....	50
Figura 12. Zonas de Finalização no G1 e G2 – N° de golos por sector ofensivo.....	51

Figura 13. Períodos de Ocorrência do Golo.....	52
Figura 14. Médias do Tempo médio entre Recuperação e o Golo (segundos).....	55
Figura 15. Médias do Número de Bolas Jogadas (passes).....	55
Figura 16. Sub-total de Lances de Bola Corrida e Bola Parada.....	43
Figura 17. Golos obtidos pelo Número de Corredores.....	58
Figura 18. Zonas de Início do Processo Ofensivo RAG-Perder – N° de bolas recuperadas por sector.....	59
Figura 19. Zonas de Início do Processo Ofensivo RAG-Empatado – N° de bolas recuperadas por sector.....	59
Figura 20. Zonas de Início do Processo Ofensivo RAG-Ganhar – N° de bolas recuperadas por sector.....	60
Figura 21. Zonas Utilizadas para o Último Passe no RAG-Perder – N° de passes por sector.....	61
Figura 22. Zonas Utilizadas para o Último Passe no RAG-Empatado – N° de passes por sector.....	61
Figura 23. Zonas Utilizadas para o Último Passe no RAG-Ganhar – N° de passes por sector.....	62

Figura 24. Zonas Finalização – Nº de golos por sector ofensivo..... 63

Figura 25. Períodos de Ocorrência do Golo..... 64

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 4.1. Estatística descritiva..... 22

Tabela 4.2. Estatística descritiva dos golos..... 22

Tabela 4.3. Estatística descritiva do número de corredores, por onde a bola passou antes do golo..... 23

Tabela 4.4. Estatística descritiva Zona Início do Processo Ofensivo..... 23

Tabela 4.5. Estatística descritiva Zona Utilizada para o Última Passe..... 24

Tabela 4.6. Estatística descritiva Zona Finalização..... 25

Tabela 4.7. Estatística descritiva Período de Ocorrência do Golo..... 25

Tabela 4.8. Estatística descritiva 1vs1..... 26

Tabela 4.9.	Estatística	descritiva	Execução	do	Golo.....	26	
Tabela 4.10.	Estatística			descritiva	G1.....	27	
Tabela 4.11.	Estatística			descritiva	G2.....	27	
Tabela 4.12.	Estatística	descritiva	dos	Golos	nos grupos G1 e	G2..... 27	
Tabela 4.13.	Estatística	descritiva	do	número de	corredores, por onde a bola passou antes	do golo, nos grupos G1 e	G2..... 28
Tabela 4.14.	Estatística	descritiva	Zona	Início	do Processo	Ofensivo, nos grupos G1 e	G2..... 28
Tabela 4.15.	Estatística	descritiva	Zona	Utilizada	para o Último	Passe, nos grupos G1 e	G2..... 29
Tabela 4.16.	Estatística	descritiva	nos	grupos	G1 e	G2..... 30	
Tabela 4.17.	Estatística	descritiva	Período	de	Ocorrência	do Golo, nos grupos G1 e	G2..... 30
Tabela 4.18.	Estatística			descritiva	1vs1.....	31	

Tabela 4.19. Estatística descritiva Execução do Golo, nos grupos G1 e G2.....	31
Tabela 4.20. Estatística descritiva RAG-Perder.....	32
Tabela 4.21. Estatística descritiva RAG-Empatado.....	32
Tabela 4.22. Estatística descritiva RAG-Ganhar.....	32
Tabela 4.23. Estatística descritiva dos Golos nos grupos RAG-P, RAG-E, e RAG-G.....	32
Tabela 4.24. Estatística descritiva do número de corredores, por onde a bola passou antes do golo, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.....	33
Tabela 4.25. Estatística descritiva Zona Início do Processo Ofensivo, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.....	34
Tabela 4.26. Estatística descritiva Zona Utilizada para o Último Passe, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.....	34
Tabela 4.27. Estatística descritiva Zona de Finalização, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.....	35

Tabela 4.28. Estatística descritiva Período de Ocorrência do golo, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.....	35
---	----

Tabela 4.29. Estatística descritiva 1vs1.....	36
---	----

Tabela 4.30. Estatística descritiva Execução do Golo, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.....	36
---	----

ABREVIATURAS

G1 – Grupo 1

G2 – Grupo 2

SD(E) – Sector Defensivo Esquerdo

SD(C) - Sector Defensivo Central

SD(D) – Sector Defensivo Direito

SID(E) - Sector Intermédio Defensivo Esquerdo

SID(C) – Sector Intermédio Defensivo Central

SID(D) – Sector Intermédio Defensivo Direito

SIO(E) – Sector Intermédio Ofensivo Esquerdo

SIO(C) – Sector Intermédio Ofensivo Central

SIO(D) – Sector Intermédio Ofensivo Direito

SO(E) – Sector Ofensivo Esquerdo

SO(C1) – Sector Ofensivo Central 1

SO(C2) – Sector Ofensivo Central 2

SO(D) – Sector Ofensivo Direito

RAG-P – Resultado aquando golo – Perder

RAG-E – Resultado aquando golo – Empatado

RAG-G – Resultado aquando golo – Ganhar

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 Grelha de análise dos 584 golos

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Preâmbulo

Com a crescente implementação tecnológica no nosso quotidiano, o impacto social do desporto, hoje em dia, não pode ser ignorado. Por outro lado, toda a evolução recente do fenómeno desportivo parece materializar-se numa perspectiva global de um grande negócio, em termos económicos. Face ao exposto, os diversos quadrantes que envolvem o desporto, mais concretamente o Futebol, pertence a um conjunto de modalidades designadas como jogos desportivos colectivos, sendo considerada por vários autores, entre os quais Reilly & Williams (2005), como a forma de desporto mais popular do mundo.

O desenvolvimento das ciências do desporto atingiu maturidade para gerar um conjunto de conhecimentos aplicáveis ao Futebol, tendo vindo a manifestar-se um aumento do interesse na diminuição do fosso entre a teoria e a prática e o aumento da consciência do valor da abordagem científica do Futebol (Reilly et al, 1997).

Dentro dos vários pressupostos que hoje podem ser alvo de várias investigações, a Análise de Jogo assume cada vez mais um papel determinante no mundo futebolístico. Utilizando uma ideia assumida por Cruyff (1993), no Futebol é importante conhecer não apenas os jogadores da própria equipa, mas também os da equipa adversária, porque assim não existem razões para haver receios. Para Castelo (1996), a Análise do Jogo revela-se muito importante para a preparação do jogo contra uma determinada equipa. Quando esta é feita e pautada por critérios que vão de encontro aquilo que o treinador pretende, a informação é de grande importância, pois este poderá utilizá-la na forma como prepara os treinos e encara o próximo adversário.

De acordo com Garganta (1996), os treinadores procuram, através da Análise do Jogo, benefícios para assim aumentarem os seus conhecimentos e consequentemente procurarem melhorar a qualidade da prestação da sua equipa.

No caso específico do Futebol, a imprevisibilidade está inerente em qualquer momento do jogo, em qualquer segundo de jogo. Com a Análise de Jogo do adversário, poder-se-á dizer que a taxa de insucesso tenderá a diminuir, pois perspectivam-se cenários que poderão acontecer no jogo, logo a taxa de sucesso contrastada com a confiança que os jogadores terão, fazem a diferença.

1.2. Apresentação do Problema

O Futebol de alto nível, bem como outros jogos desportivos colectivos, são considerados fenómenos sociais de relevo e logicamente objectos de investigação. Eles revelam ser, hoje em dia, um assunto de crescente complexidade e que solicita a intervenção de saberes multidisciplinares para a respectiva interpretação (Constantino, 2007).

A necessidade em perceber de que forma é que se traduziam em números, zonas, espaços, passes, bolas paradas, entre outros, tudo momentos que acontecem antes de um golo, suscitou o interesse em elaborar de forma prática, objectiva a construção deste estudo.

É inegável que o sucesso de uma equipa, depende em exclusivo, da sua capacidade em elaborar um ataque à baliza da equipa contrária, seja ele feito em organização ofensiva, em transição ofensiva ou até mesmo sob um lance de bola parada, desde que marque mais golos do que o adversário num determinado jogo.

1.3. Objectivos

O presente estudo tem como principal objectivo a análise do processo ofensivo, a partir do momento em que a equipa recupera a posse de bola e a conduz até à baliza adversária, culminando com golo. O estudo considera os seguintes objectivos:

1. Caracterização dos golos na Liga Zon Sagres;
2. Caracterização das variáveis observadas nos grupos G1 (seis primeiros classificados) e G2 (seis últimos classificados);
3. Caracterização das variáveis observadas quando o resultado aquando do golo as equipas se encontram a perder, empatadas ou a ganhar.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

2.1 – Contextualização do Futebol, como sistema dinâmico.

Em todas as áreas do saber, o conhecimento é adquirido recorrendo a uma simbiose entre a teoria e a prática sendo que a teoria constrói-se, observando a realidade envolvente e a prática edifica-se agindo sobre esta (Lopes, 2005). Todo o conhecimento depende de uma organização teórica que é condicionada pelos paradigmas, pelas necessidades e aspirações do sujeito que pretende conhecer (Garganta, 1997, cit. por Sousa, 2009), sendo que, no

Uma equipa de futebol é um sistema complexo formado por elementos que interagem e que têm um objectivo, combinar a bola entre os jogadores para conseguir marcar golo e ganhar o jogo (Rosnay, s/d, Documentário – O Futebol, inteligência coletiva).

O primeiro desafio que se coloca em jogo aos jogadores é sempre de natureza táctica. Eles devem ser capazes de em qualquer situação de confronto entenderem os “desafios” que vão surgindo, utilizar os meios técnicos adequados ao seu dispor para conseguir dar uma resposta apropriada e eficiente (Garganta e Pinto, 1995). “Qualquer acção de jogo é condicionada por uma interpretação que envolve uma decisão (dimensão táctica), uma acção ou habilidade motora (dimensão técnica) que exigiu determinado movimento (dimensão fisiológica) e que foi condicionada e direccionada por estados volitivos e emocionais (dimensão psicológica)” (Guilherme Oliveira, 2004:3).

Criar situações de finalização talvez seja um dos maiores problemas que o jogo apresenta (Castelo, 1994). Dessa forma, o que mais tem contribuído para essa situação prende-se com o facto das equipas recorrerem cada vez mais a sistemas tácticos e ideologias demasiado defensivas, conduzindo desse modo a um decréscimo da qualidade e espectacularidade do jogo (Garganta, 1993b).

No futebol actual, os sistemas de jogo são cada vez mais defensivos (Barros, 2002). Seguindo a mesma linha de pensamento, Garganta (1997), isto faz com que se reduza o espaço para jogar e o tempo para pensar.

2.2 - Observação como ponto de partida para a excelência

Em todas as áreas do saber, o conhecimento é adquirido recorrendo a uma simbiose entre a teoria e a prática sendo que a teoria constrói-se, observando a realidade envolvente e a prática edifica-se agindo sobre esta (Lopes, 2005).

O conceito de observação vai desde o simples “olhar e ver o que se passa” até ao rigoroso estudo sistemático de comportamentos e situações, apoiado em técnicas treinadas e meios sofisticados, sendo que o observador “é aquele que segue com atenção, que observa os fenómenos, os acontecimentos” (Brito, 1994).

A observação foi e continua a ser um meio privilegiado a que o ser humano tem recorrido para aceder ao conhecimento, bem como um importante guia para a ação (Garganta, 1997).

Observar não é mais do que um processo que supõe um objetivo organizador, uma seleção entre os estímulos recebidos, uma recolha de informações selecionadas e a sua codificação (Damas & Ketele, 1985).

A definição de *Scouting*, não significa somente a observação da equipa adversária, mas também um processo que abrange a própria equipa (Lopes, 2005).

Todos os agentes do jogo, concorrendo no papel de observadores, permitem dizer que não existe uma só análise de jogo, mas tantas quanto as filosofias subjacentes às suas concepções (Bacconi & Marella, 1995 in Barreira, 2006).

As informações obtidas através da análise do jogo, podem ser relativas (Garganta, 1995): às exigências e particularidades da modalidade; ao desempenho da nossa equipa; e às características do adversário (*Scouting*).

Contreras e Ortega (2000) referem que a forma mais utilizada para observar as ações desportivas, de forma global, é a que nos possibilita a visualização total do fenómeno, seja instantaneamente pela presença física do observador, ou de forma retardada, através do recurso a uma filmagem. Os mesmo autores apontam dois tipos distintos de observação:

1. Observação em tempo real: (1) Direta – o sujeito regista os dados “insitu”; (2) Indireta – o observador não se encontra fisicamente no local onde

se desenrola o jogo, portanto o registo realiza-se com a ajuda de material complementar;

2. Observação com manipulação do tempo: o observador não está presente e utiliza material complementar para o registo dos acontecimentos, podendo manipular as sequências em função das suas necessidades.

Uma observação que combine os dois tipos de observação anteriores, é o mais rigoroso e o que permite uma melhor identificação das características que se procuram (Rocha, 1996).

A análise de jogo pode ser realizada de várias formas, ainda que o mais frequente seja estabelecer um procedimento de observação de um jogo, gravar os dados ou imagens que se consideram relevantes e voltar a rever as vezes necessárias aquilo que foi gravado (García, 2000). Sem a ajuda de um aparelho de memória externa (gravador de voz, gravador de vídeo, computador, etc.), os treinadores são geralmente imprecisos e infundados quando necessitam de descrever, *a priori*, factos sequenciais e pertinentes sobre o desempenho desportivo (Franks & Miller, 1986).

A análise sistemática do jogo apenas é viável se os propósitos da observação estiverem claramente definidos (Garganta & Gréhaigne, 1999). Os observadores devem avaliar e implementar uma estratégia consistente de acordo com os seus objetivos e para tal devem definir entre outros aspetos, por exemplo, o número de observações e o calendário de observações (Bolt, 2000).

2.3 – Características próprias de uma equipa

Ao jogador deparam-se constantemente diversificadas situações de jogo às quais tem que responder e decidir num curtíssimo espaço de tempo e da forma mais ajustada possível, devendo essa decisão ser suportada por “... um conjunto de pontos de referências fundamentais” (Garganta, 1999:15). Esses pontos de referência não são mais que um conjunto de princípios que dão corpo àquilo que o treinador quer implantar na sua equipa, o que reflete a necessidade de uma aprendizagem por parte dos jogadores desses mesmos pontos de referência.

Aquilo que resulta dessa aprendizagem vai constituir-se como algo que «emerge», já que a equipa, ou melhor, a organização colectiva que a equipa apresenta, traduz algo qualitativamente novo, algo que não pode ser visto pelo somatório dos valores individuais, mas sim por uma dimensão «emergente» que resulta da interação que ocorre ao nível dos elementos que a constituem (Garganta, 1995).

2.4 – Ataque vs Defesa

As fases ofensiva e defensiva embora sejam apresentadas numa oposição lógica devido à natureza do jogo, são no fundo o complemento uma da outra (Castelo, 1994). Cada uma delas está intimamente associada pelo desenrolar da outra. As equipas devem saber atacar, defender e passar de um momento para o outro sem hipotecar o equilíbrio colectivo e os objectivos da equipas. O êxito de ambas as fases passa por uma coordenação das acções dos jogadores reguladas pelos princípios gerais e específicos (Garganta e Pinto, 1998).

“Defender e atacar são momentos que têm que ser articulados, na medida em que estão relacionados. Se ao momento ofensivo se segue o momento defensivo, não pode ser indiferente a forma como se defende.” (Guilherme Oliveira, in Amieiro, 2004:113).

As transições defesa/ataque, caracterizam-se pelos “(...) comportamentos que se devem ter durante os segundos imediatos ao ganhar-se a posse de bola” (Guilherme Oliveira, 2004). Após a recuperação de bola as equipas encontram-se num ponto de bifurcação (leque de opções que o sistema, neste caso, a equipa, se confronta e que a qualquer momento podem ser tomadas) comum, que define duas opções/ramificações para o desenvolvimento do seu futuro, concretamente: se vai procurar de imediato situações de finalização (através da exploração da desorganização do adversário ou provocando imediatamente essa desorganização) ou procurar antes a segurança da posse de bola (pelo reconhecimento que o adversário está organizado). Como, quando, onde, com quem, são variáveis que influenciam as ramificações, ou seja, o caminho que o sistema segue nas transições (Sousa, 2009).

2.5 – Metodologias aplicadas a um modelo de Jogo Ofensivo

O Método de Jogo Ofensivo evidencia a forma de organização das ações dos jogadores na fase ofensiva, com o intuito de concretizar um conjunto de princípios implícitos no modelo de jogo da equipa, garantindo a racionalização do processo, desde a recuperação da bola até à progressão/finalização e/ou manutenção da posse de bola (Teodorescu, 1984; Castelo, 1994; Garganta, 1997).

Os pressupostos essenciais em qualquer Método de Jogo Ofensivo são: o equilíbrio ofensivo; a velocidade de Transição das atitudes e comportamentos táctico-técnicos individuais e colectivos da fase defensiva para a fase ofensiva, assim como do Centro do Jogo (da zona de recuperação da posse de bola até zonas predominantes de finalização); o relançamento do processo ofensivo; os deslocamentos ofensivos em largura e profundidade; e a circulação táctica (Castelo, 1996). Ainda segundo o mesmo autor (1996:133), os diferentes métodos visam assegurar:

1. “A criação de condições mais favoráveis, em termos de tempo, de espaço e de número, para a concretização dos objetivos do ataque ou dos objetivos tácticos momentâneos da equipa, levando conseqüentemente o adversário a errar;

2. A contínua instabilidade da organização da defesa adversária, em qualquer das fases do processo ofensivo;

3. A execução da maior parte das ações técnico-táticas individuais e coletivas, em direção à baliza adversária ou para as zonas vitais do terreno de jogo”.

2.6 – Conceito de “posse de bola” relacionado com o processo ofensivo

Vários autores afirmam que o aspecto crucial do jogo é o facto de se ter ou não a bola. Quem tem a bola ataca, quem não a tem defende (Moreno, 1982; Queiroz, 1983; Teodorescu, 1984; Castelo, 1994). Deste

modo, a posse de bola determina que a equipa possa concretizar o objectivo do jogo – marcar golo.

É em função da posse ou não posse da bola que caracterizamos os dois processos perfeitamente distintos que o jogo evidencia: o processo ofensivo e o processo defensivo.

O processo defensivo caracteriza-se pela situação de não posse de bola, em que através de ações colectivas e individuais, e sem que nenhuma infracção às leis do jogo seja cometida, a equipa tenta apoderar-se da bola, procurando evitar a criação de situações de finalização e a obtenção de golo por parte do adversário.

Já o processo ofensivo, caracteriza-se pelo facto da equipa possuir a bola e, sem infringir as leis do jogo, através de ações colectivas e individuais criar situações de finalização para obter golo (Queiroz, 1983).

Seguindo a mesma linha de pensamento, o conceito de posse de bola, segundo Castelo (1996:129), “... é um fim em si mesmo e torna-se utópica se não for conscientemente considerada como o primeiro passe indispensável no processo ofensivo, sendo condição *sine qua none* para a concretização dos seus objectivos fundamentais: a progressão/finalização e a manutenção da posse de bola”. Consideramos por isso, a posse e a circulação de bola como um meio para atingir um fim – a obtenção de golo.

Retirando a bola de eventuais “zonas de pressão”, a equipa tem mais possibilidades de garantir a manutenção da posse de bola para criar desequilíbrios, para isso são fundamentais os apoios recuados (porém, existem momentos do jogo em que o adversário condiciona de tal modo que os melhores apoios podem ser frontais), na medida em que, estando de frente para o jogo (orientação dos apoios) pode dar à bola um destino contrário à pressão do adversário, mudando o “ângulo de ataque”. Que por sua vez pode ter diversos objectivos:

→ Explorar o lado “fraco” do adversário, para isso é necessário que algum jogador garanta a largura;

→ Garantir a segurança da posse de bola, procurando que esta circule em espaços favoráveis à sua manutenção;

O tirar a bola da zona de pressão não se restringe aos apoios próximos, poderá também ser encontrada numa diagonal em profundidade, procurando-se assim criar desequilíbrios no adversário (Sousa, 2009). A importância deste padrão de transições é expresso nas palavras de Mourinho (2003): "...muitas equipas têm dificuldade, no próprio jogo, de saírem de uma situação de pressão para uma situação de posse de bola. Esse é um aspecto que eu trabalhei imenso, imenso, imenso, até pudermos chegar ao nível a que chegamos, que é a saída após recuperação da posse de bola, isto é, ter a capacidade de jogar de uma forma a defender e depois em posse de bola modificar aquilo que é fundamental, recuperação das posições em campo, o tirar a bola da zona de pressão, uma série de aspectos que são fundamentais.”.

2.7 – Zona utilizada para o último passe

A zona de onde surgiu o último passe, é sem dúvida, um factor relevante para o estudo em questão. Estudos feitos por alguns autores (Mombaerts, 1991; Dufour, 1993; Jinshan et al. 1993; Castelo, 1996; Olsen & Larsen, 1997; Cunha, 1999) revelam que uma grande percentagem de últimos passes surgiram das zonas laterais do terreno de jogo. Por outro lado, (Pedrosa, 1994; Cabezón e Fernández, 1996 e Barros, 2002) referem que uma grande percentagem de últimos passes surgiram no corredor central do campo.

Os sectores mais utilizados no último passe para o golo, são em primeiro lugar o sector ofensivo, seguido do sector médio ofensivo (Maças, 1997; Carling et al., 2005).

Desta forma, compreende-se que quanto mais próximos da baliza contrária desenvolver o seu jogo, maior será a probabilidade de conseguir criar situações de golo, onde as zonas frontais e mais próximas da baliza são as mais solicitadas para o envio de últimos passes. No estudo de Barros (2002), cerca de 75% dos últimos passes, relativos às sequências ofensivas finalizadas, foram direccionados para o corredor central.

2.8 – Situações de finalização

O grande objectivo de qualquer ideia de jogo, tem que ser focalizado inevitavelmente para a finalização, traduzida em golo. Estas situações de finalização ocorrem sobretudo em espaços frontais à baliza do adversário (curta e média distância), pelo que, dada a aglomeração e organização de jogadores nesses espaços, ocorre um aumento exponencial do risco de perda de bola, motivo que justifica maiores preocupações com os equilíbrios dinâmicos, caso contrário, as equipas ficarão expostas à transição e finalização do adversário (Sousa, 2009).

Vários autores (Bezerra, 1995; Castelo, 1996; López, 2002; Costa, 2005) entendem ser importante estudar as zonas de finalização na análise dos processos ofensivos, uma vez que a finalização está estritamente relacionada com o espaço (Barros, 2002). As possibilidades de se finalizar com êxito são tanto maiores quanto mais próximo se estiver da baliza. Bate (1988) é da mesma opinião. O autor refere que para se alcançar o êxito no Futebol, é crucial que se ataque no terço ofensivo de uma modo rápido e frequente.

2.9 – Os lances de bola parada

No futebol praticado actualmente, as equipas tendem a ser analisadas ao pormenor. Desse modo, as bolas paradas assumem um papel cada vez mais importante no panorama futebolístico internacional. Alguns estudos, referem que num Campeonato do Mundo de Futebol, 32,2% dos golos foram alcançados através de bolas paradas (Jinshan et al., 1993). Em observações de finais de Campeonatos do Mundo e da Europa, Castelo (1996), afirma que 27% dos golos totalizados foram de bola paradas, dos quais 12% foram de livre, 9% de grande penalidade, 5% de canto e 1% de lançamento lateral. Cherry (2000), afirma também que 25% dos golos da competição foram alcançados através de lances de bola parada, onde a grande maioria foram conseguidos através de uma grande penalidade. Estes estudos, revelam que os lances de bola paradas têm grande influência na obtenção de sucesso das equipas.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

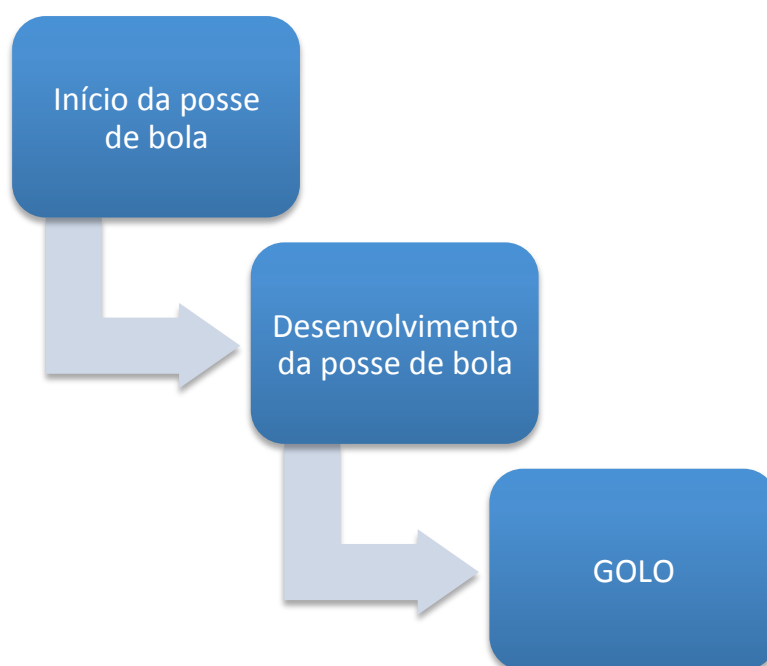
3.1. Amostra

A amostra deste trabalho é constituída pelos quinhentos e oitenta e quatro (584) golos marcados nos duzentos e quarenta (240) jogos realizados pelas 16 equipas da 1ª Liga Portuguesa de Futebol Profissional, denominada de Liga Zon Sagres - FCPorto, Benfica, Sporting, SCBraga, V.Guimarães, Nacional, P.Ferreira, Rio Ave, Marítimo, UDLeiria, Olhanense, V.Setúbal, Beira-Mar, Académica-OAF, Portimonense e Naval 1º de Maio.

3.2. Variáveis

3.2.1 Proposta Conceptual

Tendo por base, a *Metodologia Observacional*, e com tudo o que lhe está inerente, é de destacar a construção de um instrumento *ad hoc*, tendo em conta a especificidade do estudo, onde será apresentada um mapeamento dinâmico do jogo de Futebol.



3.2.2 Categorização do Processo Ofensivo

Início do Processo Ofensivo

Consideramos o IPO sempre que a equipa até então, não possuidora da bola, a consegue recuperar passando a estar na posse da mesma (quer de forma directa - no decorrer do jogo sem que qualquer infracção regulamentar tenha sido sancionada. Ou indirecta - por infracção às leis do jogo por parte do adversário, seja por falta atacante ou fora-de-jogo). O IPO acontece quando se verifica uma recuperação da bola, de forma directa ou indirecta, e o portador: 1) realiza pelo menos três contactos consecutivos com a bola; 2) executa um passe positivo (permite manter a posse de bola); e 3) realiza um remate (finalização).

Desenvolvimento do Processo Ofensivo

São todas as intervenções motoras que um jogador e companheiros da mesma equipa (colectivo) realizam para manter de forma controlada, em termos tático-técnicos, a posse da bola, e estar em disposição de dar continuidade ao processo ofensivo, na tentativa de: 1) conservar a bola; 2) progredir com a bola para a baliza adversária; e 3) desequilibrar a defesa adversária e tentar marcar golo (Bayer, 1994).

Finalização do Processo Ofensivo

Consideramos que a equipa finaliza o processo ofensivo quando se concretiza uma das situações seguidamente apresentadas, com um final eficaz.

- Remate com obtenção de golo: O processo ofensivo culmina com a obtenção de um remate efectuado por um jogador da equipa atacante, que atinge o alvo (baliza adversária), devidamente validado pelo árbitro.
- Cabeceamento com obtenção de golo: O processo ofensivo culmina com a obtenção de um cabeceamento efectuado por um jogador da

equipa atacante, que atinge o alvo (baliza adversária), devidamente validado pelo árbitro.

3.2.3 Eventos intencionais em posse de bola: Definições

Os seguintes eventos, foram utilizados para a análise do estudo.

Controlo

Um jogador tem o controlo da bola, quando nos 2-3 passos seguintes à recepção é capaz de fazer um dos seguintes Eventos Intencionais: passe, cruzamento, alívio, recepção de bola, drible, ou remate. Um "não-controlo" estará sempre presente antes de um Contacto Neutro.

Recepção

Toque de bola realizado por um jogador após ter recebido a bola vinda de outro jogador (colega de equipa ou adversário). É caracterizado por ser um leve toque na bola, com o objectivo de a manter por perto e não passá-la para outro jogador.

Corrida com bola

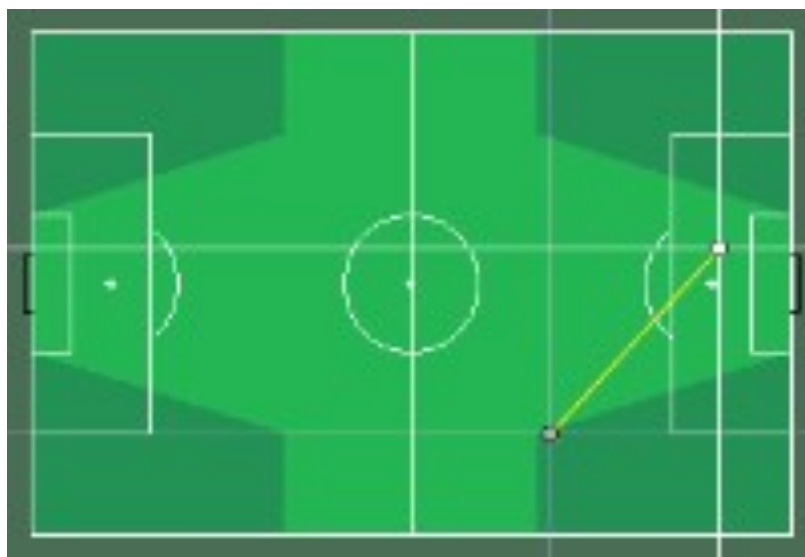
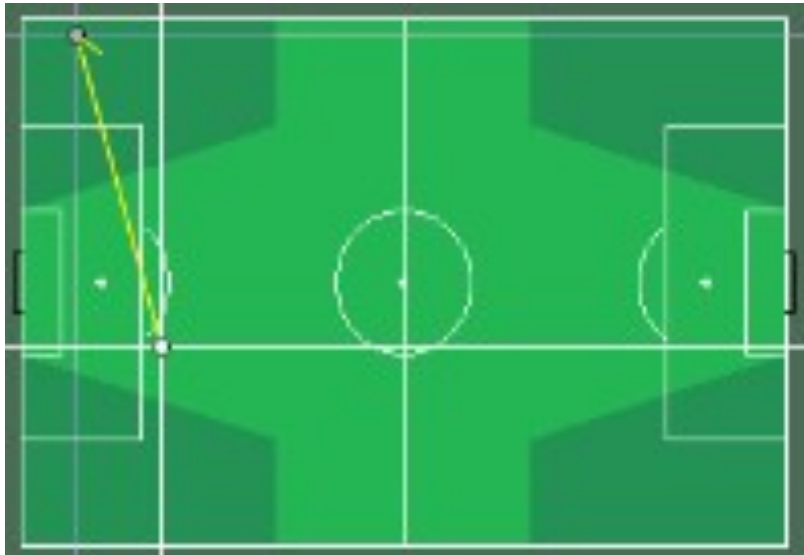
São leves toques na bola que a mantêm perto do jogador. É utilizada pelo jogador para controlar a bola junto de si enquanto se desloca com a posse da mesma, sem intenção de a passar para outro jogador.

Passe

É um toque de bola relativamente forte feito por um jogador, na direcção de um colega da mesma equipa, com o objectivo de lhe entregar a posse da mesma.

Cruzamento

É um toque de bola forte, quando um jogador que está posicionado num dos corredores laterais do meio campo adversário, envia a bola para a zona em frente à baliza contrária. Essa zona é composta principalmente pela grande área, no entanto, se a bola for enviada para um jogador que se encontra de frente para a baliza mas à entrada da grande área, a acção será também considerada como um Cruzamento.



Remate

É um toque de bola geralmente forte na direcção da baliza, cujo objectivo é fazer a bola entrar dentro da baliza adversária (golo).

Remate à baliza

Quando o remate vai na direcção da zona compreendida entre os postes da baliza.

Assistência para golo ou zona utilizada para o último passe

Uma assistência para golo ou zona utilizada para o último passe, será registada sempre que ocorra uma (ou mais) das seguintes situações:

- a) Quando existe um contacto intencional na bola por parte de um jogador, seja em bola corrida ou em bola parada, para um colega de equipa que marca golo efectuando apenas 1 ou 2 toques na bola, podendo acontecer sob a forma de remate e através de um cabeceamento;
- b) Quando o jogador remata e o guarda-redes defende para a frente, onde após defesa há remate e conseqüente golo (Ex: existiu um desenvolvimento do processo ofensivo com circulação de bola por parte da equipa em posse, onde o jogador remata na zona SO(C2) e o guarda-redes defende a bola para a frente (zona frontal baliza). Após a defesa incompleta, existiu um novo remate na SO(C2), onde é considerado último passe efectuado na SO(C1), por parte do guarda-redes).

Lançamentos (com as mãos)

Todos os passes e/ou reposições em jogo efectuadas com as mãos, sejam elas efectuadas pelo guarda-redes ou qualquer outro jogador.

3.2.4. Eventos em simultâneo

Os Eventos em Simultâneo descrevem as acções que acontecem ao mesmo tempo que um Evento Intencional. Existem vários tipos de Eventos em Simultâneo: dribles/fintas e situações de bola parada.

Drible/Finta/1x1

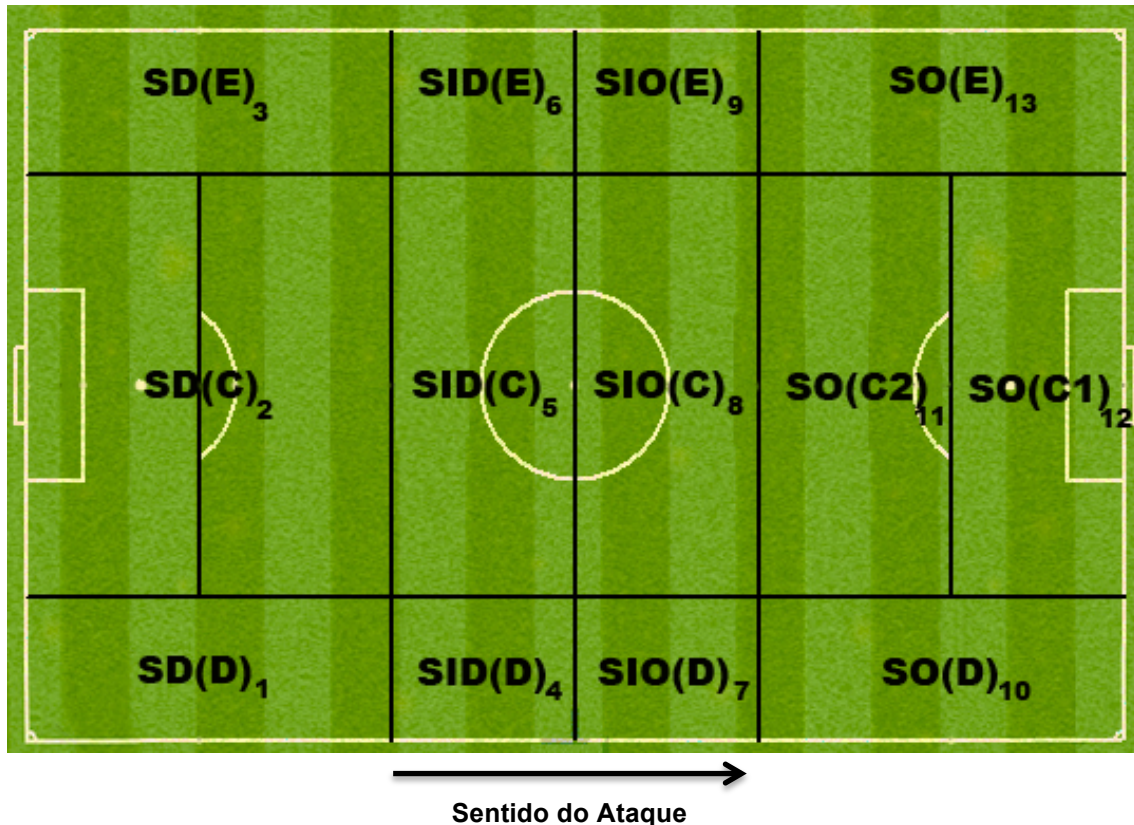
Acção que ocorre quando um jogador com o controlo da bola, avança na direcção de um adversário que se encontra na sua trajectória, com o intuito de o ultrapassar. Um(a) “Drible/Finta” é bem sucedida quando:

- a) O jogador com posse de bola ultrapassou o adversário seguindo com a sua jogada, e existe pelo menos (aprox.) 1 metro a separá-los;
- b) O jogador conseguiu criar um espaço aberto e sem adversários à sua frente, que lhe permite aproximar-se do seu objectivo (Ex: passe, remate, cruzamento...).

Situações de bola parada

Existem sete tipos de “Situações de bola parada”: canto, lançamento de linha lateral, pontapé de baliza, penalti, livre directo, livre indirecto, e outros (início de parte, bola ao solo dada pelo árbitro). Todos estes eventos são decididos pelo árbitro.

3.3. Espacialização do Terreno de Jogo



Legenda: **SD(E)** – Sector Defensivo Esquerdo; **SD(C)** - Sector Defensivo Central; **SD(D)** – Sector Defensivo Direito; **SID(E)** - Sector Intermédio Defensivo Esquerdo; **SID(C)** – Sector Intermédio Defensivo Central; **SID(D)** – Sector Intermédio Defensivo Direito; **SIO(E)** – Sector Intermédio Ofensivo Esquerdo; **SIO(C)** – Sector Intermédio Ofensivo Central; **SIO(D)** – Sector Intermédio Ofensivo Direito; **SO(E)** – Sector Ofensivo Esquerdo; **SO(C1)** – Sector Ofensivo Central 1; **SO(C2)** – Sector Ofensivo Central 2; **SO(D)** – Sector Ofensivo Direito

Com vista ao registo espacial das condutas comportamentais do(s) jogador(es) em cada critério definido, foi seguida a divisão do sistema internacional de análise de jogos, AMISCO ®. O “campograma” foi adaptado para o estudo, existindo alterações face ao utilizado pela marca, que se relaciona com o objectivo do nosso trabalho. Essas alterações foram ao nível das definições das zonas laterais, dos sectores ofensivo/defensivo, optando por eliminar a linha da grande área. A opção de ter escolhido dois sectores ofensivos centrais, reside em especificar ainda mais a zona de finalização.

Código	Número	Descrição
SD(D)	1	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Defensivo Direito do campograma.
SD(C)	2	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Defensivo Central do campograma.
SD(E)	3	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Defensivo Esquerdo do campograma.
SID(D)	4	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Intermédio Defensivo Direito do campograma.
SID(C)	5	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Intermédio Defensivo Central do campograma.
SID(E)	6	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Intermédio Defensivo Esquerdo do campograma.
SIO(D)	7	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Intermédio Ofensivo Direito do campograma.
SIO(C)	8	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Intermédio Ofensivo Central do campograma.
SIO(E)	9	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Intermédio Ofensivo Esquerdo do campograma.
SO(D)	10	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Ofensivo Direito do campograma.
SO(C2)	11	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Ofensivo Direito Central 2 do campograma.
SO(C1)	12	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Ofensivo Direito Central 1 do campograma.
SO(E)	13	As condutas do(s) jogador(es) em PO ocorrem no Sector Ofensivo Esquerdo do campograma.

3.4. Variáveis utilizadas para o estudo

- O golo precede de um lance de bola parada?
- Bola passa por quantos dos 3 corredores?
- Zona onde se inicia o Início Processo Ofensivo (IPO)
- Tempo entre a recuperação de bola e o golo (segundos)
- Zona utilizada para o último passe
- Zona de finalização
- Quantidade de bolas jogadas, em posse de bola, desde o Início de Processo Ofensivo (IPO)
- Período em que ocorre o golo?
- Houve 1x1 (um para um) antes do golo?
- Execução do golo (Remate, Cabeça)
- Qual a classificação da equipa antes do jogo se iniciar
- Quando o golo ocorreu a equipa estava: a perder, empatado, a ganhar

3.5. Questões geradoras do estudo

As questões metodológicas que a seguir se apresentam constituem-se como linhas reflexivas, que potenciam o desenvolvimento do estudo:

1. Caracterização dos golos na Liga Zon Sagres;
2. Caracterização das variáveis observadas nos grupos G1 e G2; (G1 – Seis primeiros classificados; G2 – Seis últimos classificados);
3. Caracterização das variáveis observadas quando o resultado aquando do golo as equipas se encontram a perder, empatadas ou a ganhar.

3.6. Tratamento estatístico dos dados

A estatística descritiva foi elaborada para a totalidade da amostra. O mesmo procedimento foi executado para os subgrupos significativos da amostra. Foi utilizado o *software* informático *Statistical Program for Social Sciences* – SPSS, versão 20.0 para *Macintosh* e o *Microsoft Office Excell 2011*.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1. Estudo descritivo da amostra

Os resultados totais a seguir apresentados neste sub-capítulo, são relativos a todas as questões analisadas ao longo do estudo realizado.

Na tabela 4.1. é apresentada uma estatística descritiva relativa ao Tempo entre a Recuperação da Bola e o Golo e o Número de Bolas Jogadas nos lances que resultaram em golo, num total de 584 golos.

Tabela 4.1. Estatística descritiva

	Mínimo	Máximo	Média	D. Padrão
Tempo entre Recuperação e Golo (seg.)	0	81	13,94	12,253
NºBolas Jogadas	1	25	4,58	3,352

Na Tabela 4.2. são apresentados os golos analisados e que foram divididos em golos precedidos de uma bola parada e golos de bola corrida. Dentro dos dos golos precedidos de bola parada, estes foram sub-divididos em: canto, livre indirecto, livre directo, penákti, pontapé de baliza, lançamento lateral e começo de jogo. Verifica-se que existiram mais golos precedidos de uma bola parada (337), do que no desenvolvimento de uma jogada colectiva (247).

Tabela 4.2. Estatística descritiva dos Golos

Golos	Sub-total
Canto	73
Livre Indirecto	89
Livre Directo	21
Penákti	63
Pontapé de Baliza	16
Lançamento Lateral	71
Começo de Jogo	4

Sub-total Bolas Paradas	337 (57,4%)
Sub-total Bola Corrida	247 (42,3%)
Total	584 (100%)

Na Tabela 4.3. são apresentados os resultados totais, relativos ao número de corredores, por onde a bola passou antes do golo. Pelos resultados apresentados, verifica-se que houve uma maior predominância de golo, quando a bola passava por 2 corredores (355), seguindo-se por 1 corredor (145) e por 3 corredores (84).

Tabela 4.3. Estatística descritiva do número de corredores, por onde a bola passou antes do golo.

Nº de corredores	
1	145 (24,8%)
2	355 (60,8%)
3	84 (14,4%)
Total	584 (100%)

Na Tabela 4.4. são apresentados os resultados, relativos à Zona Início do Processo Ofensivo, apenas relativo aos lances de bola corrida. Nos resultados apresentados, não foram incluídos os lances de bola parada. Verifica-se que o Sector Defensivo (107), foi o sector onde houve uma maior predominância de recuperações de bola, seguindo-se os sectores – Intermédio Defensivo (74), Intermédio Ofensivo (38) e Ofensivo (28).

Tabela 4.4. Estatística descritiva Zona Início do Processo Ofensivo

Zonas	Sub-total	Total
SDE	11	
SDC	76	107 (43,3%)
SDD	20	
SIDE	10	
SIDC	43	74 (30%)
SIDD	21	
SIOE	11	
SIOC	16	38 (15,4%)
SIOD	11	
SOE	3	

Apresentação dos Resultados

SOC1	1	28 (11,3%)
SOC2	16	
SOD	8	
Total		247 (100%)

Na Tabela 4.5. são apresentados os resultados, relativos à Zona Utilizada para o Último Passe. Verifica-se que o Sector Ofensivo (502), foi o sector onde houve uma maior predominância de passes que originaram golo, seguindo-se os sectores – Intermédio Ofensivo (55), Intermédio Defensivo (20) e Defensivo (7).

Tabela 4.5. Estatística descritiva Zona Utilizada para o Último Passe.

Zonas	Sub-total	Total
SDE	1	
SDC	5	7 (1,2%)
SDD	1	
SIDE	3	
SIDC	13	20 (3,4%)
SIDD	4	
SIOE	8	
SIOC	39	55 (9,4%)
SIOD	8	
SOE	76	
SOC1	224	502 (86%)
SOC2	106	
SOD	96	
Total		584 (100%)

Na Tabela 4.6. são apresentados os resultados, relativos à Zona de Finalização. Não surgem as zonas SDE, SDC, SDD, SIDE, SIDC, SIDD, SIOE, SIOD, pois não existiram finalizações nesses sectores. Verifica-se que o Sector Ofensivo Central 1 (502), foi o sector onde surgiram mais golos, seguindo-se os sectores – Ofensivo Central 2 (106), Ofensivo Direito (7), Ofensivo Esquerdo (3) e Intermédio Ofensivo Central (2).

Tabela 4.6. Estatística descritiva Zona Finalização

Zonas	Sub-total	Total
SIOC	2 (0,3%)	2 (0,3%)
SOE	3 (0,5%)	
SOC1	488 (83,6%)	582 (99,7%)
SOC2	84 (14,4%)	
SOD	7 (1,2%)	
Total		584 (100%)

Na Tabela 4.7. são apresentados os resultados, relativos ao Período de Ocorrência do Golo. Verifica-se que o Período |16-30| (104), foi onde surgiram mais golos. Na segunda metade do tempo regulamentar, verifica-se que é onde existem maior número de golos (314), contrastado com a primeira metade do tempo regulamentar (270). De salientar, que em ambos os períodos de compensação, verifica-se que o Período |90+| (40), foi o que houve mais golos, contrastado com o Período |45+|, onde apenas se verificaram 10 golos.

Tabela 4.7. Estatística descritiva Período de Ocorrência do Golo

Períodos	Total
1-15	66 (11,3%)
16-30	104 (17,8%)
31-45	90 (15,4%)
45+	10 (1,7%)
46-60	93 (15,9%)
61-75	94 (16,1%)
76-90	87 (14,9%)
90+	40 (6,8%)
Total	584 (100%)

Na Tabela 4.8. são apresentados os resultados, relativos à existência de situação um para um antes do golo (drible/finta). Verificou-se que em 410 golos, Não houve situação de um para um, contrastado com 174 golos onde existiu efectivamente situações de drible/finta.

Tabela 4.8. Estatística descritiva Um para Um

Um para Um	Total
Sim	174 (29,8%)
Não	410 (70,2%)
Total	584 (100%)

Na Tabela 4.9. são apresentados os resultados, relativos à Execução do Golo. Verificou-se que 469 golos foram executados com o Pé, e 115 golos executados sob a forma de cabeceamento.

Tabela 4.9. Estatística descritiva Execução do Golo

Execução do Golo	Total
Pé	469 (80,3%)
Cabeça	115 (19,7%)
Total	584 (100%)

4.2. Estudo descritivo consoante a classificação

Nos resultados apresentados, foram utilizados três grupos de análise, ao qual os G (G1) e Grupo 2 (G2), correspondem respectivamente aos seis primeiros classificados e aos seis últimos classificados. No G1, encontram-se as equipas: FCPorto, SLBenfica, SportingCP, SCBraga, V.Guimarães e Nacional da Madeira. No G2, encontram-se as equipas: Olhanense, V.Setúbal, Beira-Mar, Académica/OAF, Portimonense e Naval 1º de Maio.

Nas tabelas 4.10. e 4.11., são apresentadas as estatísticas descritivas relativas ao Tempo entre a Recuperação da Bola e o Golo e o Número de Bolas Jogadas nos lances que resultaram em golo, nos grupos G1 e G2.

Ambos os grupos totalizam 393 golos marcados, sub-divididos em 231 golos para o G1 e 162 golos para o G2.

Tabela 4.10. Estatística descritiva G1

	Mínimo	Máximo	Média	D. Padrão
Tempo entre Recuperação e Golo (seg.)	0	81	15,64	12,767
NºBolas Jogadas	1	25	4,94	3,405

Tabela 4.11. Estatística descritiva G2

	Mínimo	Máximo	Média	D. Padrão
Tempo entre Recuperação e Golo (seg.)	0	47	11,59	10,385
NºBolas Jogadas	1	15	3,98	2,747

Na Tabela 4.12. são apresentados os golos analisados e que foram divididos em golos precedidos de uma bola parada e golos de bola corrida. Dentro dos golos precedidos de bola parada, estes foram sub-divididos em: canto, livre indirecto, livre directo, penálti, pontapé de baliza, lançamento lateral e começo de jogo. Verifica-se que existiram mais golos precedidos de uma bola parada para o G1 (122) relativamente ao G2 (101), o mesmo se sucede nos golos que surgiram no desenvolvimento de uma jogada colectiva, em que o G1 marcou 109 golos e o G2, 61 golos.

Tabela 4.12. Estatística descritiva dos Golos nos grupos G1 e G2

Golos	G1	G2
Canto	28	15
Livre Indirecto	34	29
Livre Directo	6	9
Penálti	20	20
Pontapé de Baliza	8	3
Lançamento Lateral	24	24
Começo de Jogo	2	1
Sub-total Bolas Paradas	122 (52,8%)	101 (62,3%)
Sub-total Bola Corrida	109 (47,2%)	61 (37,7%)
Total	231 (100%)	162 (100%)

Na Tabela 4.13. são apresentados os resultados totais, relativos ao número de corredores, por onde a bola passou antes do golo. Pelos resultados apresentados, verifica-se que houve uma maior predominância de golo, quando a bola passava por 2 corredores em ambos os grupos, sendo que no G1 existiram 138 golos marcados e no G2 existiram 106 golos marcados. Relativamente aos golos em que a bola passava por apenas 1 corredor, o G1 marcou 52 golos e o G2, 41 golos. Nos golos em que a bola passou pelos 3 corredores, o G1 marcou 41 golos, contrastado com apenas 15 golos marcados pelo G2.

Tabela 4.13. Estatística descritiva do número de corredores, por onde a bola passou antes do golo, nos grupos G1 e G2.

Nº de corredores	G1	G2
1	52 (22,5%)	41 (25,3%)
2	138 (59,7%)	106 (65,4%)
3	41 (17,7%)	15 (9,3%)
Total	231 (100%)	162 (100%)

Na Tabela 4.14. são apresentados os resultados, relativos à Zona Início do Processo Ofensivo, apenas relativo aos lances de bola corrida. Nos resultados apresentados, não foram incluídos os lances de bola parada. Verifica-se que o Sector Defensivo (107), foi o sector onde houve uma maior predominância de recuperações de bola, seguindo-se os sectores – Intermédio Defensivo (74), Intermédio Ofensivo (38) e Ofensivo (28).

Tabela 4.14. Estatística descritiva Zona Início do Processo Ofensivo, nos grupos G1 e G2.

Zonas	G1	G2	Total
SDE	5	4	
SDC	33	20	77 (45,3%)
SDD	10	5	
SIDE	7	1	
SIDC	15	13	51 (30%)
SIDD	12	3	
SIOE	5	1	
SIOC	6	4	21 (12,4%)

Apresentação dos Resultados

SIOD	4	1	
SOE	2	0	
SOC1	0	0	21 (12,4%)
SOC2	7	8	
SOD	3	1	
Total	109	61	170 (100%)

Na Tabela 4.15. são apresentados os resultados, relativos à Zona Utilizada para o Último Passe. Verifica-se nos dois grupos que o Sector Ofensivo (332), foi o sector onde houve uma maior predominância de passes que originaram golo, sendo que o G1 realizou 193 e o G2 realizou 139. Os sectores – Intermédio Ofensivo (38), Intermédio Defensivo (16) e Defensivo (7), foram os restantes sectores utilizados para o último passe.

Tabela 4.15. Estatística descritiva Zona Utilizada para o Último Passe, nos grupos G1 e G2.

Zonas	G1	G2	Total
SDE	0	1	
SDC	4	1	7 (1,8%)
SDD	0	1	
SIDE	1	1	
SIDC	7	3	16 (4,1%)
SIDD	1	3	
SIOE	3	2	
SIOC	19	10	38 (9,7%)
SIOD	3	1	
SOE	30	16	
SOC1	88	65	332 (84,5%)
SOC2	44	26	
SOD	31	32	
Total	231	162	393

Na Tabela 4.16. são apresentados os resultados, relativos à Zona de Finalização. Não surgem as zonas SDE, SDC, SDD, SIDE, SIDC, SIDD, SIOE, SIOD, pois não existiram finalizações nesses sectores, em ambos os grupos. Verifica-se que o Sector Ofensivo Central 1 (325), foi o sector onde surgiram mais golos, sendo que o G1 marcou 191 golos e o G2, 134 golos. Os sectores – Ofensivo Central 2 (59), Ofensivo Direito (5), Ofensivo Esquerdo (2) e

Intermédio Ofensivo Central (2), foram os restantes sectores utilizados para finalizar.

Tabela 4.16. Estatística descritiva Zona Finalização, nos grupos G1 e G2.

Zonas	G1	G2	Total
SIOC	1	1	2 (0,5%)
SOE	0	2	
SOC1	191	134	391 (99,5%)
SOC2	36	23	
SOD	3	2	
Total	231	162	393 (100%)

Na Tabela 4.17. são apresentados os resultados, relativos ao Período de Ocorrência do Golo. Verifica-se que nos Períodos |16-30| e |31-45|, foi onde surgiram mais golos (143) em ambos os grupos. De salientar, que em ambos os períodos de compensação, verifica-se que o Período |90+| (26), foi o que houve mais golos, contrastado com o Período |45+|, onde apenas se verificaram 9 golos, para ambos os grupos.

Tabela 4.17. Estatística descritiva Período de Ocorrência do Golo, nos grupos G1 e G2.

Períodos	G1	G2	Total
1-15	30	13	
16-30	42	32	195 (49,6%)
31-45	38	31	
45+	7	2	
46-60	29	29	
61-75	40	22	198 (50,4%)
76-90	28	24	
90+	17	9	
Total	231	162	393 (100%)

Na Tabela 4.18. são apresentados os resultados, relativos à existência de situação um para um antes do golo (drible/finta). Verificou-se que no G1

existiram mais situações de um para um (74), relativamente ao G2 (56). Em termos gerais, não houveram situações de um para um em 263 golos, em 393.

Tabela 4.18. Estatística descritiva Um para Um, nos grupos G1 e G2.

Um para Um	G1	G2	Total
Sim	74	56	130 (33,1%)
Não	157	106	263 (66,9%)
Total	231	162	393 (100%)

Na Tabela 4.19. são apresentados os resultados, relativos à Execução do Golo. Verificou-se que 310 golos foram executados com o Pé, e 83 golos executados sob a forma de cabeceamento. Nos dois grupos, a execução do golo com o Pé, foi superior relativamente à Cabeça.

Tabela 4.19. Estatística descritiva Execução do Golo, nos grupos G1 e G2.

Execução do Golo	G1	G2	Total
Pé	180	130	310 (78,9%)
Cabeça	51	32	83 (21,1%)
	231	162	393 (100%)

4.3. Estudo descritivo consoante o resultado

Nos resultados apresentados, foram utilizados três grupos de análise, que correspondem respectivamente aos resultados aquando o golo. RAG-P (Resultado Aquando o Golo – Perder), RAG-E (Resultado Aquando o Golo – Empatado) e RAG-G (Resultado Aquando o Golo – Ganhar).

Nas tabelas 4.20., 4.21., e 4.22 são apresentadas as estatísticas descritivas relativas ao Tempo entre a Recuperação da Bola e o Golo e o Número de Bolas Jogadas nos lances que resultaram em golo, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.

Tabela 4.20. Estatística descritiva RAG-Perder

	Mínimo	Máximo	Média	D. Padrão	Nº Golos
Tempo entre Recuperação e Golo (seg.)	0	63	12,25	12,178	146
NºBolas Jogadas	1	18	4,08	3,174	146

Tabela 4.21. Estatística descritiva RAG-Empatado

	Mínimo	Máximo	Média	D. Padrão	Nº Golos
Tempo entre Recuperação e Golo (seg.)	0	52	13,84	11,704	271
NºBolas Jogadas	1	18	4,54	3,201	271

Tabela 4.22. Estatística descritiva RAG-Ganhar

	Mínimo	Máximo	Média	D. Padrão	Nº Golos
Tempo entre Recuperação e Golo (seg.)	0	81	15,59	13,027	167
NºBolas Jogadas	1	25	5,07	3,679	167

Na Tabela 4.23. são apresentados os golos analisados e que foram divididos em golos precedidos de uma bola parada e golos de bola corrida. Dentro dos golos precedidos de bola parada, estes foram sub-divididos em: canto, livre indirecto, livre directo, penálti, pontapé de baliza, lançamento lateral e começo de jogo. Verifica-se que existiram sempre mais golos precedidos de uma bola parada no três grupos, onde o RAG-P fez 98 golos face aos 48 de bola corrida, RAG-E fez 152 golos face aos 119 de bola corrida e o RAG-G fez 87 golos face aos 87 de bola corrida.

Tabela 4.23. Estatística descritiva dos Golos nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.

Golos	RAG-P	RAG-E	RAG-G
Canto	22	28	23
Livre Indirecto	23	52	14
Livre Directo	7	11	3
Penálti	20	32	11
Pontapé de Baliza	1	6	9
Lançamento Lateral	23	22	26

Apresentação dos Resultados

Começo de Jogo	2	1	1
Sub-total Bolas Paradas	98 (67,1%)	152 (56,1%)	87 (52,1%)
Sub-total Bola Corrida	48 (32,9%)	119 (43,9%)	80 (47,9%)
Total	146 (100%)	271 (100%)	167 (100%)

Na Tabela 4.24. são apresentados os resultados totais, relativos ao número de corredores, por onde a bola passou antes do golo. Pelos resultados apresentados, verifica-se que houve uma maior predominância de golo, quando a bola passava por 2 corredores em ambos os grupos, sendo que no RAG-P existiram 82 golos marcados, no RAG-E existiram 164 golos marcados e no RAG-G existiram 109. Relativamente aos golos em que a bola passava por apenas 1 corredor, o RAG-P marcou 44 golos, o RAG-E, 71 golos e o RAG-G, 30 golos. Nos golos em que a bola passou pelos 3 corredores, a superioridade foi para o RAG-E com 36 golos, seguindo-se o RAG-G com 28 golos e o RAG-P com 20 golos marcados.

Tabela 4.24. Estatística descritiva do número de corredores, por onde a bola passou antes do golo, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.

Nº de corredores	RAG-P	RAG-E	RAG-G
1	44 (30,1%)	71 (26,2%)	30 (18%)
2	82 (56,2%)	164 (60,5%)	109 (65,3%)
3	20 (13,7%)	36 (13,3%)	28 (16,8%)
Total	146 (100%)	271 (100%)	167 (100%)

Na Tabela 4.25. são apresentados os resultados, relativos à Zona Início do Processo Ofensivo, apenas relativo aos lances de bola corrida. Nos resultados apresentados, não foram incluídos os lances de bola parada. Verifica-se que o Sector Defensivo (107), foi o sector onde houve uma maior predominância de recuperações de bola, seguindo-se os sectores – Intermédio Defensivo (74), Intermédio Ofensivo (38) e Ofensivo (28).

Tabela 4.25. Estatística descritiva Zona Início do Processo Ofensivo, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.

Zonas	RAG-P	RAG-E	RAG-G	Total
SDE	3	7	1	
SDC	10	34	32	107 (43,3%)
SDD	4	5	11	
SIDE	2	6	2	
SIDC	13	18	12	74 (30%)
SIDD	5	9	7	
SIOE	1	6	4	
SIOC	1	10	5	38 (15,4%)
SIOD	2	7	2	
SOE	1	2	0	
SOC1	1	0	0	28 (11,3%)
SOC2	3	11	2	
SOD	2	4	2	
Total	48	119	80	247 (100%)

Na Tabela 4.26. são apresentados os resultados, relativos à Zona Utilizada para o Último Passe. Verifica-se nos três grupos que o Sector Ofensivo (332), foi o sector onde houve uma maior predominância de passes que originaram golo, sendo que o RAG-P realizou 146, o RAG-E realizou 271 e o RAG-G realizou 167 passes.

Tabela 4.26. Estatística descritiva Zona Utilizada para o Último Passe, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.

Zonas	RAG-P	RAG-E	RAG-G	Total
SDE	0	0	1	
SDC	1	2	2	7 (1,2%)
SDD	0	1	0	
SIDE	0	2	1	
SIDC	4	5	4	20 (3,4%)
SIDD	1	2	1	
SIOE	1	5	2	
SIOC	8	18	13	55 (9,4%)
SIOD	1	3	4	
SOE	21	32	23	
SOC1	57	110	57	502 (86%)
SOC2	28	45	33	

Apresentação dos Resultados

SOD	24	46	26	
Total	146	271	167	584 (100%)

Na Tabela 4.27. são apresentados os resultados, relativos à Zona de Finalização. Não surgem as zonas SDE, SDC, SDD, SIDE, SIDC, SIDD, SIOE, SIOD, pois não existiram finalizações nesses sectores, em ambos os grupos. Verifica-se que o Sector Ofensivo Central 1 (488), foi o sector onde surgiram mais golos, sendo que o RAG-E marcou 229 golos, o RAG-G marcou 134 golos e o RAG-P marcou 125 golos.

Tabela 4.27. Estatística descritiva Zona Finalização, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G.

Zonas	RAG-P	RAG-E	RAG-G	Total
SIOC	0	2	0	2 (0,3%)
SOE	1	0	0	
SOC1	125	229	134	582 (99,7%)
SOC2	17	36	31	
SOD	1	4	2	
Total	146	271	167	584

Na Tabela 4.28. são apresentados os resultados, relativos ao Período de Ocorrência do Golo. Verifica-se que no Período |16-30| o grupo RAG-E obteve o maior número de golos, 68. e |31-45|, foi onde surgiram mais golos (143) em ambos os grupos. De salientar, o Período |90+| em que em ambos os grupos, RAG-P (15), RAG-E (6) e RAG-G (19), foi onde houveram mais golos, em tempo de compensação, contrastado com o Período |45+|, onde apenas se verificaram no total 10 golos.

Tabela 4.28. Estatística descritiva Período de Ocorrência do Golo, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G

Períodos	RAG-P	RAG-E	RAG-G	Total
1-15	5	55	6	

Apresentação dos Resultados

16-30	18	68	18	270 (46,2%)
31-45	20	41	29	
45+	1	4	5	
46-60	32	37	24	
61-75	27	29	38	314 (53,8%)
76-90	28	31	28	
90+	15	6	19	
Total	146	271	167	584 (100%)

Na Tabela 4.29. são apresentados os resultados, relativos à existência de situação um para um antes do golo (drible/finta). Verificou-se que no RAG-E existiram mais situações de um para um (73), relativamente aos outros dois grupos.

Tabela 4.29. Estatística descritiva Um para Um, nos grupos RAG-P, RAG-E e RAG-G

Um para Um	RAG-P	RAG-E	RAG-G	Total
Sim	43	73	58	174 (29,8%)
Não	103	198	109	410 (70,2%)
Total	146	271	167	584 (100%)

Na Tabela 4.30. são apresentados os resultados, relativos à Execução do Golo. Verificou-se que 469 golos foram executados com o Pé, e 115 golos executados sob a forma de cabeceamento. Nos três grupos, a execução do golo com o Pé, foi superior relativamente à Cabeça.

Tabela 4.30. Estatística descritiva Execução do Golo, nos grupos G1 e G2.

Execução do Golo	RAG-P	RAG-E	RAG-G	Total
Pé	107	220	142	469 (80,3%)
Cabeça	39	51	25	115 (19,7%)
Total	146	271	167	584 (100%)

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5. Discussão dos resultados

5.1 – Caracterização dos golos na Liga Zon Sagres (Total da Amostra)

Para melhor compreender as acções que levam à obtenção de um golo, há que saber diferenciar os momentos que o antecedem, sabendo que este pode ser feito através de uma transição, com poucos toques antes de chegar à baliza adversária aproveitando a descompensação que a equipa adversária permitiu, ou realizado através de um ataque à baliza adversária sob a forma de organização ofensiva ou então através de lances de bola parada.

O tempo entre recuperação da posse de bola e o golo, foi regido por uma regra que consideramos fundamental para o todo o processo de análise ficar correcto, onde teria que existir sempre um passe positivo após a recuperação da bola por parte da equipa que fez golo, isto é, após recepção de bola, este teria que efectuar sempre um passe para um mesmo jogador da equipa para ser considerado válido, o início da cronometragem.

Neste estudo, que tem uma configuração exclusiva para o golo, a média de passes (4,58) corresponde a 13,94 segundos em termos gerais para a obtenção do golo, privilegiando claramente jogadas com cinco ou menos passes.

Os valores observados, vão de encontro aos estudos de Mombaerts (1991), Maças (1997), Reina et al. (1997) entre outros, privilegiando processos ofensivos simples, optando pela realização de poucos passes até chegar ao golo.

5.1.1 – Golos

Num total de 584 golos, analisados ao pormenor, existe desde logo uma diferença bastante elucidativa onde 337 golos, foram precedidos de uma bola parada e 247 no seguimento de uma jogada colectiva.

Sem deixar de considerar que esta situação nos pode, também, remeter para questões associadas a rotinas de arbitragem, mas também para uma questão de cultura emergente cada vez mais nos jogadores que actuam na Liga Zon Sagres, onde por vezes não se pensa o jogo sob forma de acções de bola corrida, mas em formas de criar situações que potenciem o árbitro a tomar a decisão de assinalar determinadas infracções.

Em termos gerais, o livre indirecto (89 golos), surge como o que mais lances culminou em golo, sendo que o canto (73 golos) e o lançamento lateral (71 golos) surgem logo a seguir. Estes três tipos de bolas paradas, são efectivamente os mais recorrentes durante um jogo de futebol, pois grande parte das paragens de jogo surgem quando existe uma falta cometida, e quando a bola sai fora do terreno de jogo. De salientar, a existência de 63 penáltis, valor próximo dos lances de bola parada que originou golo.

Os golos obtidos em lances de bola parada têm, no futebol praticado actualmente seja em Portugal ou pelo resto do Mundo, uma importância crescente. É cada vez mais perceptível uma crescente preocupação dos treinadores em dedicar parte do tempo de treino, antes de um jogo, a trabalhar aspectos relativos a este tipo de lances. 57,4% dos golos terem sido efectuados, através de lances de bola parada, onde os livres indirectos e os cantos assumem um papel fundamental no que toca ao sucesso destes lances.

Os cantos e os livres indirectos são lances de bola parada que equipas com menor capacidade ofensiva, têm mais hipóteses em chegar perto da baliza adversária e desta forma colocar mais jogadores para existir uma maior probabilidade de fazer golo.

No estudo efectuado por Rodrigues (2009), os golos de canto e os penálties surgiram com maior percentagem. Comparativamente com o estudo realizado, foram os livres indirectos e os cantos a terem uma maior preponderância nos lances de bola parada que culminaram em golo, sendo que houve uma amostra bastante superior no estudo aqui apresentado.

5.1.2 – Número de corredores utilizados

Os resultados referentes ao número de corredores, utilizados no desenrolar da jogada que originou o golo verificamos que, através da análise da figura 1, 60,8% dos golos (355 golos) passaram por dois corredores.

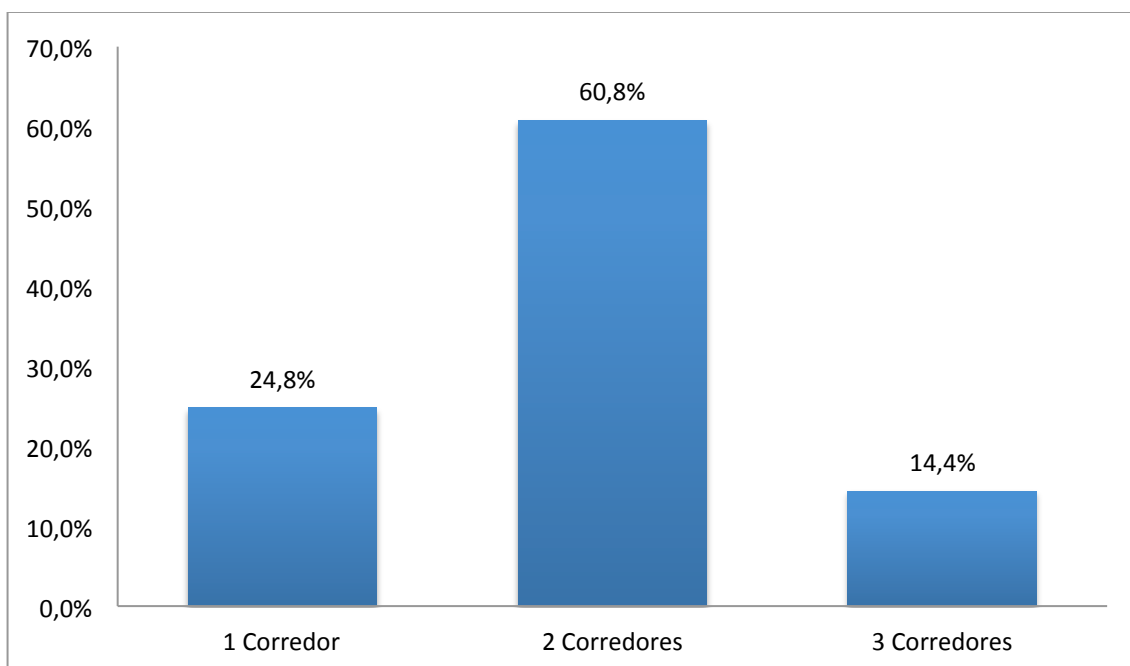


Figura 1: Frequência do Número de Corredores - % obtidas

A utilização de dois corredores, foi utilizada de modo exclusivo, para a obtenção do golo, ou seja, em 355 golos. Apenas em 84 golos, foram utilizados três corredores. O estudo comprova que, só 14,4% dos golos, foram marcados com recurso a uma circulação de bola a toda a largura do campo, percorrendo desse modo os três corredores. Estes resultados são explicados, em parte, pelo tempo entre a recuperação de bola e o golo, onde de uma forma generalizada as sequências de golo foram curta duração. Neste caso específico, do campeonato português, as equipas adoptam comportamentos ofensivos mais directos como meio de surpreender as organizações defensivas adversárias. Os resultados apresentados, por Cabezón e Fernández (1996), revelaram que 60% dos golos marcados surgiram de jogadas desenvolvidas no corredor central, o que aponta para uma configuração da sequência de golo ter sido elaborada apenas em um corredor, quando no estudo apresentado, 60,8% dos golos neste estudo revela que as sequências de golo, passaram por 2

corredores. Estas diferenças, em termos de resultados obtidos em diferentes estudos podem ser explicadas ao nível da delimitação dos sectores de observação no campograma.

5.1.3 – Zona Início do Processo Ofensivo

Os resultados referentes à Zona do Início de Processo Ofensivo, elucidativos na Figura 2, revelam uma tendência para a recuperação da posse de bola, nos lances de golo, ser efectuada maioritariamente no Sector Defensivo (43,3%). Todos os sectores, apresentam uma configuração onde há uma maior predominância de recuperações de bola no corredor central – Sector Intermédio Defensivo Central (43), Sector Intermédio Ofensivo Central (16), Sector Ofensivo Central 2 (16) e Sector Ofensivo Central 1 (1).

Estes resultados, comprovam que as recuperações da posse de bola, no campeonato português (Liga Zon Sagres) surgem em zonas mais defensivas do que ofensivas, do terreno de jogo.

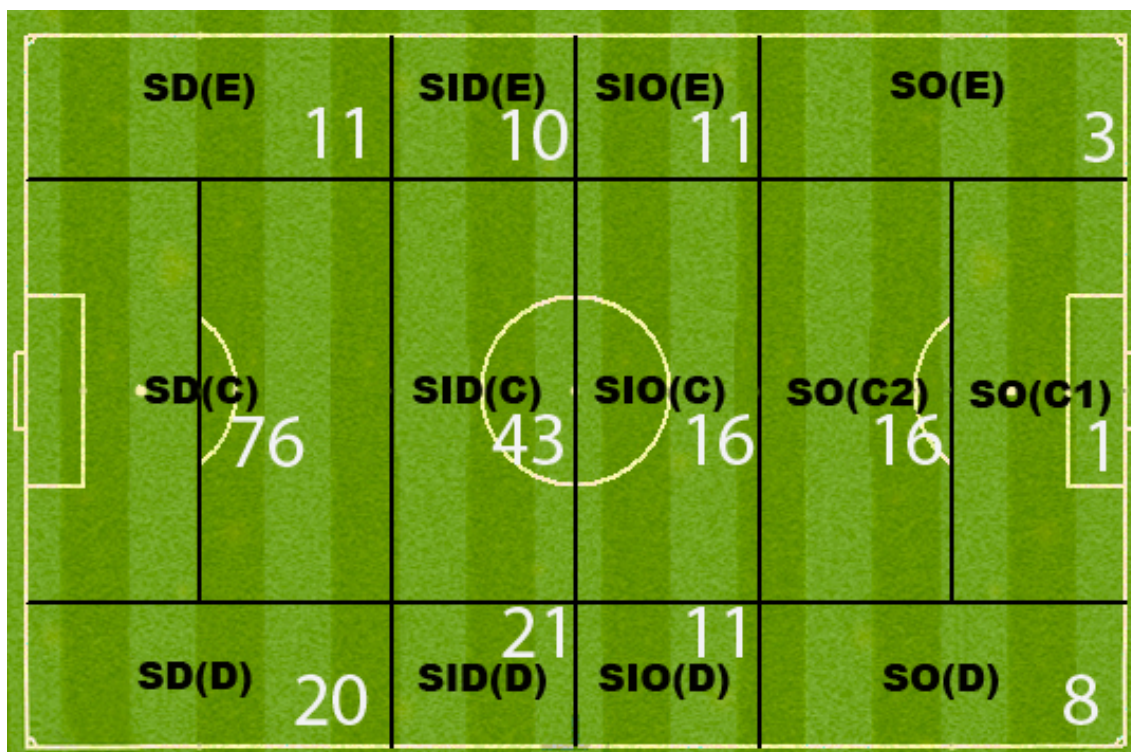


Figura 2: Zonas de Início do Processo Ofensivo – Nº de bolas recuperadas por sector

5.1.4 – Zona Utilizada para o Último Passe

Os resultados referentes à Zona Utilizada para o Último Passe, que podem ser observados mais especificamente na figura 3, revelam uma tendência para 86% dos passes serem efectuados no Sector Ofensivo, especificamente dentro da grande área (224 passes) e na zona frontal da grande área (106), perfilando um total de 330 passes no corredor central. Estes resultados, vão de encontro às afirmações e estudos de Pedrosa (1994), Cabezón e Fernández (1996) e Barros (2002). Os passes provenientes dos corredores laterais, têm um contributo importante nas jogadas de golos, mas a maior parte das jogadas que originaram golo, o seu último passe foi realizado no corredor central. Das zonas laterais do terreno de jogo, a mais solicitada para o último passe foi o Sector Ofensivo Direito, com 96 passes face aos 76 passes efectuados no Sector Ofensivo Esquerdo.

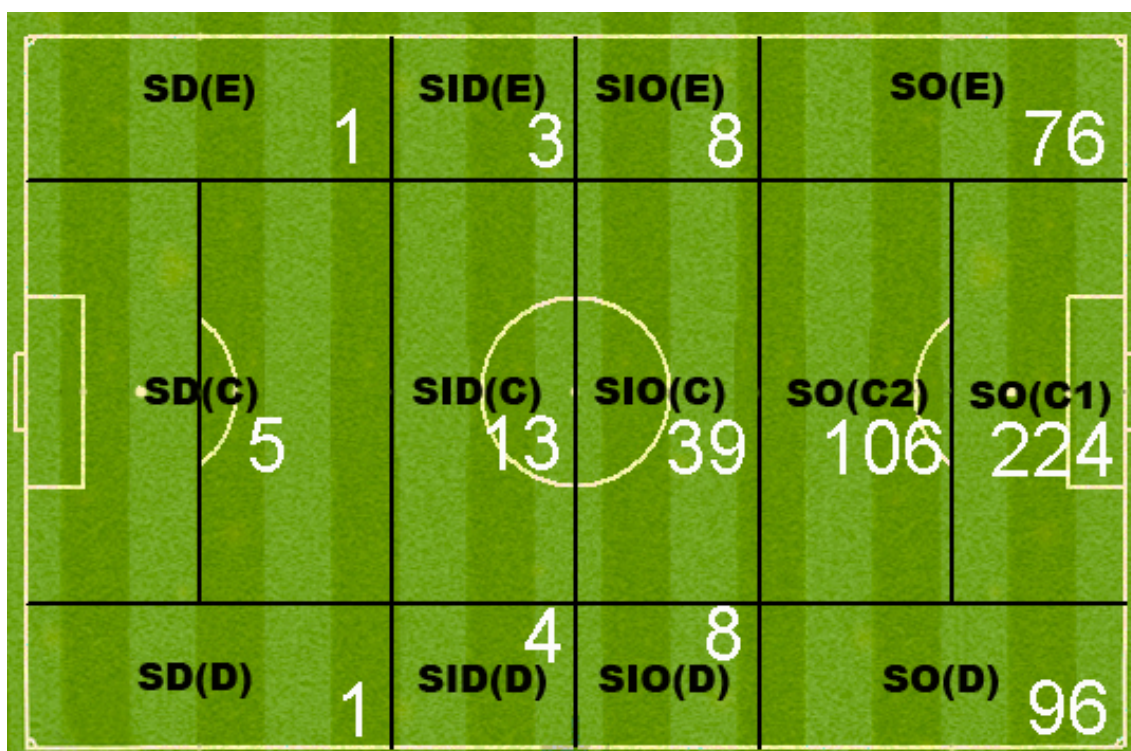


Figura 3: Zonas Utilizadas para o Último Passe – Nº de passes por sector

5.1.5 – Zona Finalização

Nas zonas de finalização das jogadas que resultaram em golo, podemos constatar pela figura 4, que foi no Sector Ofensivo que ocorreram 99,7% das situações de finalização na Liga Zon Sagres. O Sector Ofensivo Central 1 foi onde ocorreram 488 golos, seguido do Sector Ofensivo Central 2, onde apenas foram marcados 84 golos. As zonas laterais do Sector Ofensivo, apenas 7 golos do lado direito e 3 golos do lado esquerdo foram marcados.

Estudos feitos por Lopez (2002), Carling et al. (2005), Yiannakos e Armatas (2006) e Rodrigues (2009) vão de encontro aos resultados deste estudo. O Sector Ofensivo Central 1 é o mais solicitado para a finalização e transparece aquilo que ocorre no futebol actual. Os valores que mais se assemelham ao nosso estudo, são os de Lopez (2002) que em observação dos Campeonatos do Mundo de 1994 e 1998, e Liga Espanhola, obteve valores de 65% no Sector Ofensivo Central 1 (grande área) e de 10% no Sector Ofensivo Central 2 (fora grande área). No nosso estudo, os valores situaram-se nos 83,6% no Sector Ofensivo Central 1 (grande área) e nos 14,4% no Sector Ofensivo Central 2 (fora grande área).

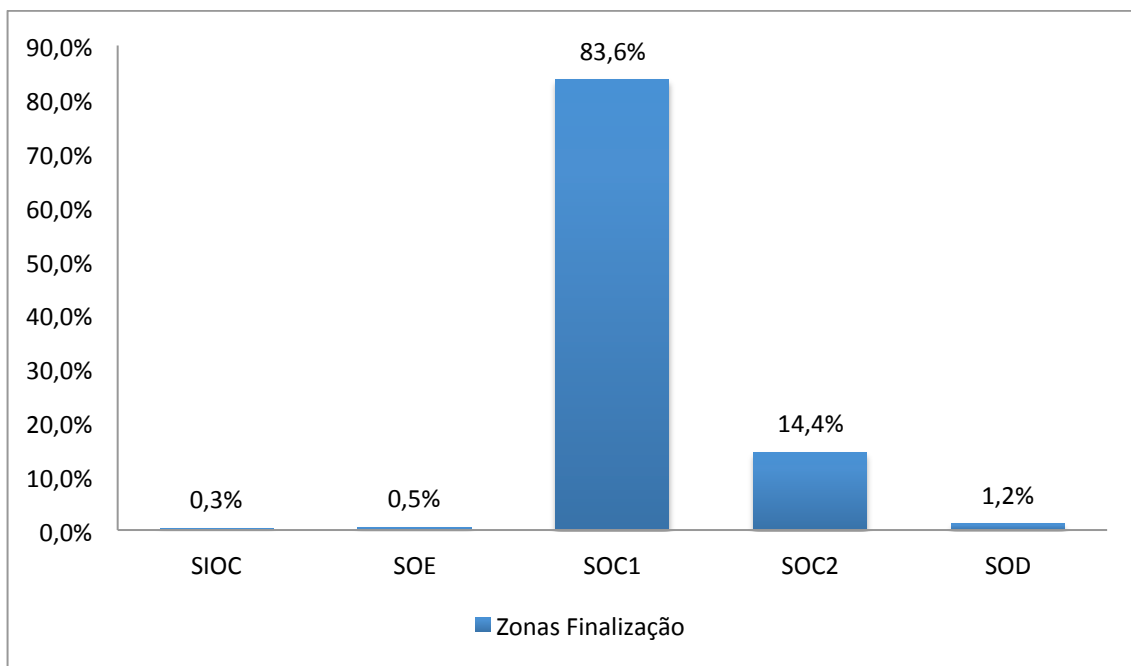


Figura 4: Zonas Finalização – Nº de golos por sector ofensivo

5.1.6 – Período de Ocorrência do Golo

Os resultados referentes aos períodos de ocorrência do golo revelam, como demonstra a Figura 5, que os períodos |16-30| (104 golos) correspondentes a 17,8% e o período |61-75| (94 golos) correspondentes a 16,1%, são aqueles onde ocorrem mais golos. Através destes resultados é possível perceber que, numa fase inicial do jogo, a procura do golo não é tão visível como nos restantes períodos existindo por isso uma diferença mais acentuada comparativamente aquilo que são os golos que surgem na 2ª Parte, onde a procura do golo é mais visível, para se obter um resultado positivo.

O período |90+| (40 golos) foi, dentro dos tempos de compensação, aquele onde ocorreram mais golos comparativamente ao período |45+| (10 golos). Estes resultados revelam necessidades diferentes perante aquilo que é o “tempo de jogo”, isto é, a procura do golo é mais evidente quanto mais depressa nos aproximamos do final de um jogo, da mesma forma que, dentro dos tempos de compensação a procura do golo é mais visível no período |90+|.

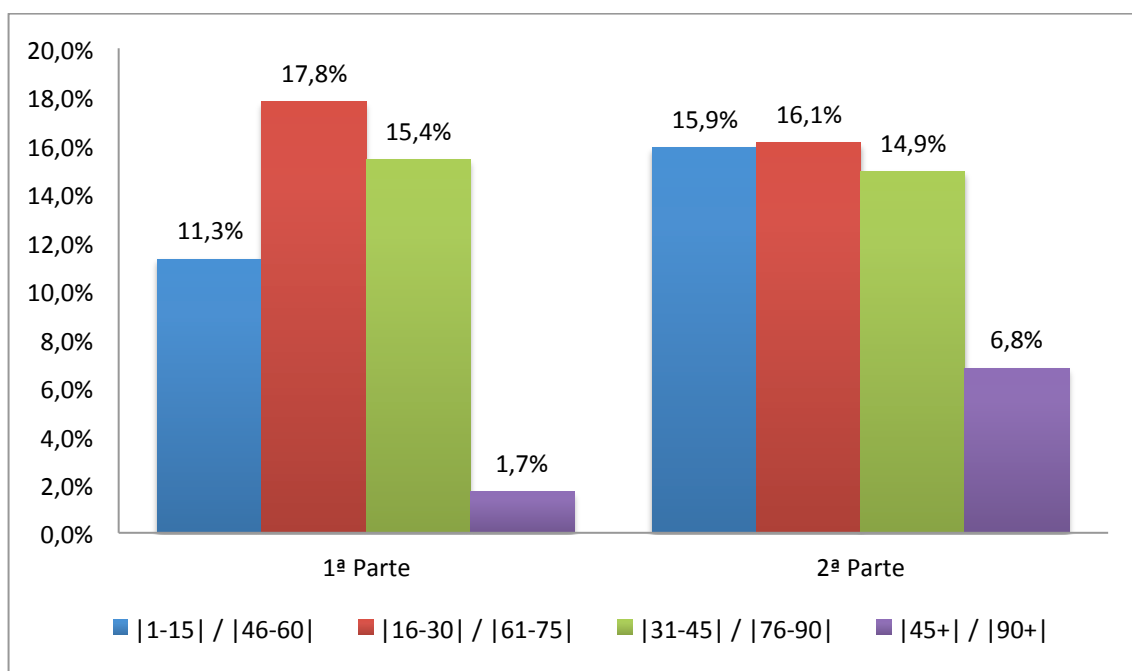


Figura 5: Períodos de Ocorrência do Golo

5.1.7 – 1 vs 1

A existência de situações que potenciem um drible/finta, antes de um golo, parecem-nos ser recorrentes no futebol que hoje em dia presenciamos em Portugal. Os resultados apresentados, mostram-nos o contrário, houveram mais situações onde não existiu qualquer drible/finta (70,2%), comparativamente a existir uma situação de um para um antes do golo (29,8%).

Criar situações que potenciem, com sucesso, desequilíbrios remete-nos o pensamento para uma situação onde não existe qualquer cobertura defensiva por parte dos jogadores da equipa adversária ou então se existir, esta, estará distante. Tudo isto, poder-se-á considerar momentâneo, no sentido em que tudo depende de com que frequência é feita a variação do ângulo de ataque para promover situações de um para um, seja feita através de passes verticais (curtos ou profundos, de ruptura ou de penetração), sendo por isso pertinente realçar a importância de como é feita a circulação de bola. Relativamente ao estudo, estas situações ocorreram com maior predominância nos corredores laterais.

As situações que potenciem, com sucesso, drible/finta dependem muito da qualidade que está inerente aos jogadores que compõem as equipas.

5.1.8 – Execução do Golo

Nos resultados relativos à execução do golo, 80,3% foram executados com o pé e apenas 19,7% com a cabeça. Perante estes resultados, podemos afirmar que a grande maioria dos jogadores, que actuam em Portugal, têm mais facilidade em finalizar uma jogada de golo através de um remate do que através de um cabeceamento, dependendo obviamente do tipo de lance em que está inserido o golo.

É importante referir que em qualquer momento de uma jogada de golo, o jogador é quem decide a forma, como e qual o momento perfeito para finalizar, seja este feito com o pé ou cabeça.

5.2 – Variáveis Observadas consoante a classificação

5.2.1 – Golos

Ao longo de todo o estudo, existiu uma grande variabilidade de valores, sendo que foi no G1 o máximo obtido no tempo entre a recuperação da posse de bola e golo foi de 81 segundos pelo Sporting, num jogo disputado contra o Portimonense, onde houveram 25 bolas jogadas até ter sido golo, máximo também obtido no estudo no número de bolas jogadas. 1 minuto e 21 segundos, em posse de bola e que culmine em golo, é um caso raro e excepcional num dado momento do jogo, pois a média de valores em termos gerais situou-se nos 13,94 segundos, e no caso específico do G1 situa-se nos 15,64 segundos, sendo mais baixa no G2 onde esta situa-se nos 11,59 segundos. A média no número de bolas jogadas no G1 foi de 4,94 e no G2 foi de 3,98 o que revela uma tendência para os golos na Liga Zon Sagres, surgirem em transição ofensiva do que em organização ofensiva.

No que toca a valores máximos, existe uma diferença de 10 passes entre os dois grupos (G1 – 25, G2 – 15), o que se traduz claramente numa “cultura de urgência” (Villas-Boas, 2009), em criar situações com poucos passes até chegar ao golo, nas equipas que surgem no fundo da tabela.

Na distinção feita consoante a classificação, o G1 tem uma média de 4,94 passes para os 231 golos marcados sendo que o G2 tem uma média de 3,98 para 162 golos marcados.

Nos lances de bola parada, as diferenças são verificadas ao nível dos cantos, livres indirectos, pontapés de baliza e começo de jogo onde o G1 teve mais golos marcados. A diferença foi superior para o G2, nos livres directos.

Nos lances de bola corrida, que resultaram em golo, que no total foram 247, é interessante analisar o facto de:



Figura 6: Sub-total de Lances de Bola Corrida

Numa análise sucinta à Figura 6, dos 170 golos, pois só foram contabilizados 2 grupos para a análise consoante o resultado, 109 golos foram realizados sob a forma de bola corrida pelo G1 e 61 pelo G2, onde existe uma diferença significativa e que demonstra uma maior qualidade de circulação de bola por parte das equipas que ocupam os lugares cimeiros da classificação. Outro ponto interessante de analisar, vai de encontro ao referido anteriormente de que a qualidade das equipas posicionadas abaixo na tabela classificativa, é bastante diferente das equipas posicionadas acima na classificação como é visível na Figura 6. Isto é, tendo uma equipa do G2 liberdade para assumir o jogo, ou seja, ter posse de bola, esta irá ter mais dificuldade em criar situações de finalização de bola corrida pois não terá tanta qualidade para o fazer face a uma equipa do G1.

“Se uma Equipa de Top, estrategicamente, defender em bloco baixo, ‘oferecendo’ parte do seu meio-campo, assim como a posse de bola, ‘obriga’ o adversário a ter bola. Provavelmente, aquilo que vai acontecer é que a Equipa não vai ter grandes soluções para criar desequilíbrios com o adversário defensivamente organizado. Para além dessa dificuldade certamente que terá de se expor mais defensivamente, sair do tal bloco baixo, abrir Espaços. Estes exemplos, elucidam-nos acerca das limitações ofensivas de uma Equipa cujo padrão de ataque se caracteriza (quase exclusivamente) pelas transições ofensivas agressivas. E assim, surge a importância das Equipas terem outras soluções para realizar as transições, concretamente de manterem a posse de

bola para criar desequilíbrios (com o adversário defensivamente organizado).” (Sousa, 2009).

5.2.2 – Número de corredores utilizados

Nos resultados referentes ao número de corredores, por onde a bola passou antes do golo verificamos que, através da análise da Figura 7, o G1 obteve sempre maior número de golos, sendo que a diferença foi menos acentuada quando a bola passou apenas por um corredor, onde a diferença do número de golos é de apenas 9 golos.

Em termos gerais, os grupos G1 e G2, mantiveram a tendência de utilização dos corredores. Isto é, em ambos os grupos, a preferência recai para a utilização de dois corredores para a construção das suas jogadas de golo. As equipas do G2, apenas marcaram 15 golos face aos 41 golos, quando a bola passou pelos três corredores nas jogadas que originaram golo.

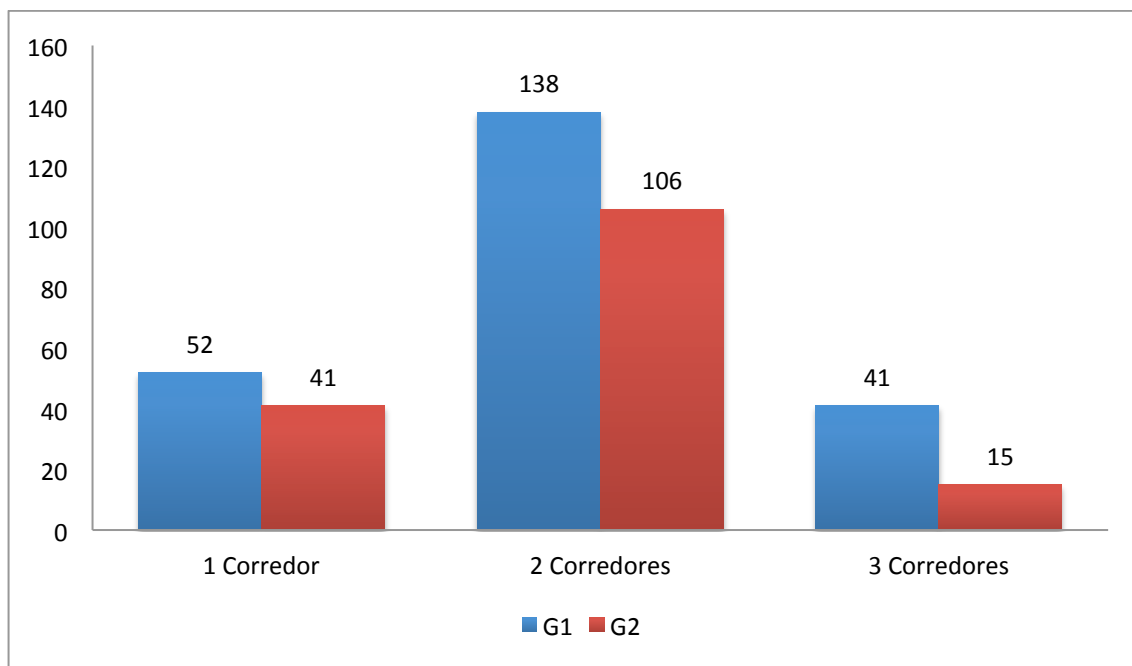


Figura 7: Golos obtidos pelo Número de Corredores – golos obtidos nos grupos G1 e G2

5.2.3 – Zona Início do Processo Ofensivo

Os resultados referentes à Zona do Início de Processo Ofensivo, nos grupos G1 e G2, elucidativos nas Figuras 8 e 9, revelam uma tendência para a recuperação da posse de bola, nos lances de golo, ser efectuada maioritariamente no Sector Defensivo. Num total de 170 golos, 77 golos (45,3%) foram iniciados no Sector Defensivo, seguindo-se o Sector Intermédio Defensivo com 51 golos (30%). Todos os sectores, apresentam uma configuração onde há uma maior predominância de recuperações de bola no corredor central. Nos corredores laterais, em ambos os grupos, o lado direito é onde existe um maior número de recuperações de bola.

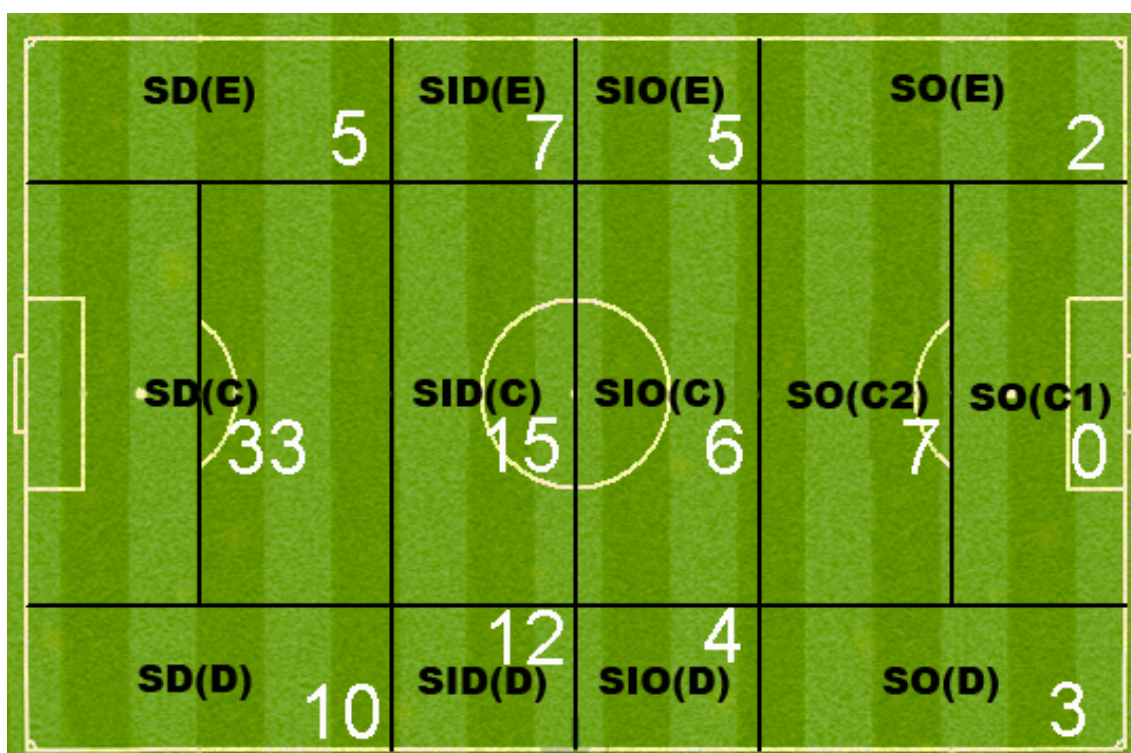


Figura 8: Zonas de Início do Processo Ofensivo G1 – Nº de bolas recuperadas por sector

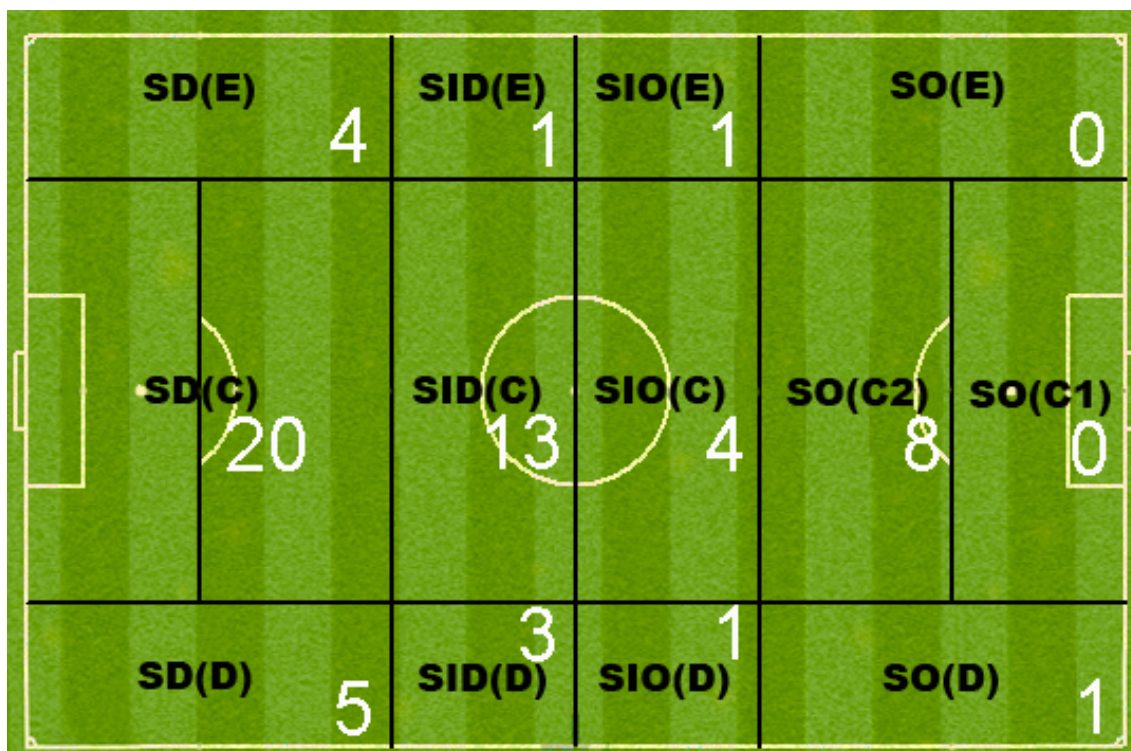


Figura 9: Zonas de Início do Processo Ofensivo G2 – Nº de bolas recuperadas por sector

5.2.4 – Zona Utilizada para o Último Passe

Os resultados referentes à Zona Utilizada para o Último Passe, no grupos G1 e G2, apresentados nas Figuras 10 e 11, revelam que para ambos os grupos, 84,5% dos passes foram efectuados no Sector Ofensivo. As equipas do G1 realizaram maioritariamente os seus últimos passes, nas jogadas de golo, no Sector Ofensivo Central, de onde surgiram 132 golos, dos 231 marcados pelo G1. Relativamente às equipas do G2, o Sector Ofensivo Central foi onde existiram grande parte dos seus últimos passes que resultaram em golo. Nos últimos passes efectuados no Sector Ofensivo Esquerdo e Direito, é visível que os valores estão equilibrados sendo que no G2, a diferença recai para uma maior predominância de utilização do Sector Ofensivo Direito para a realização do último passe.

Desta forma, os sectores mais avançados do terreno de jogo, independentemente da classificação que as equipas ocupam, são os que têm uma maior propensão para a realização de assistências para golo, sendo que

os últimos passes são efectuados para as zonas mais próximas e frontais à baliza adversária.

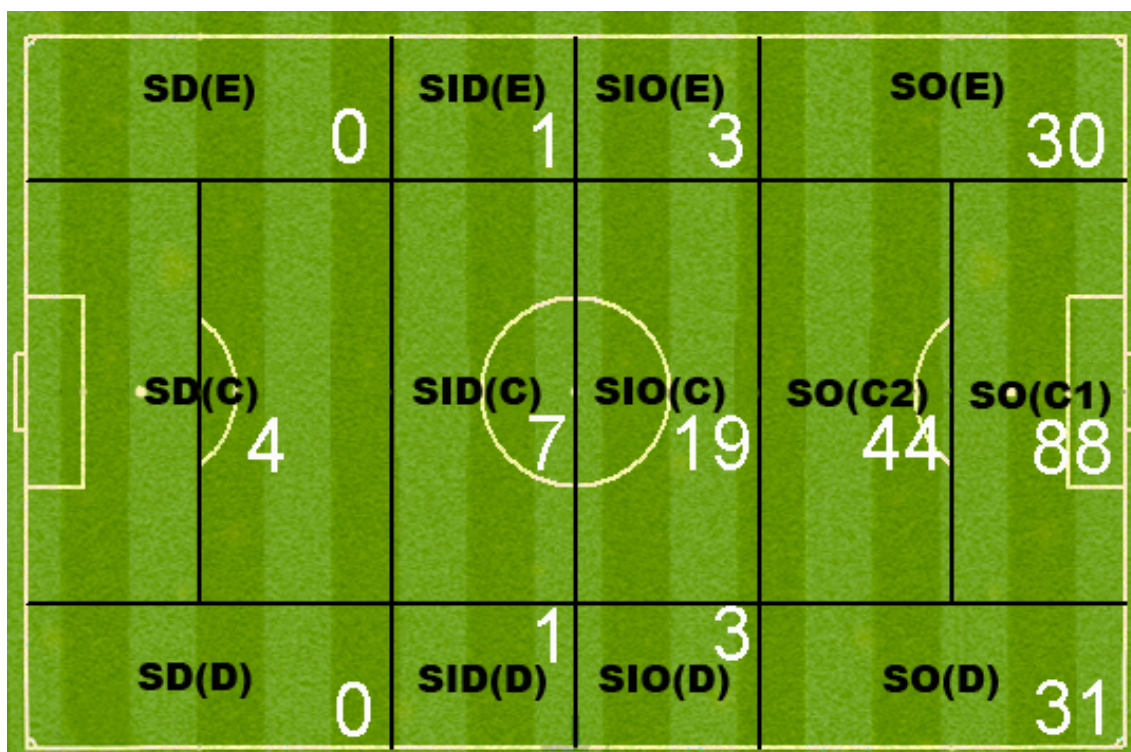


Figura 10: Zonas Utilizadas para o Último Passe no G1 – N° de passes por sector

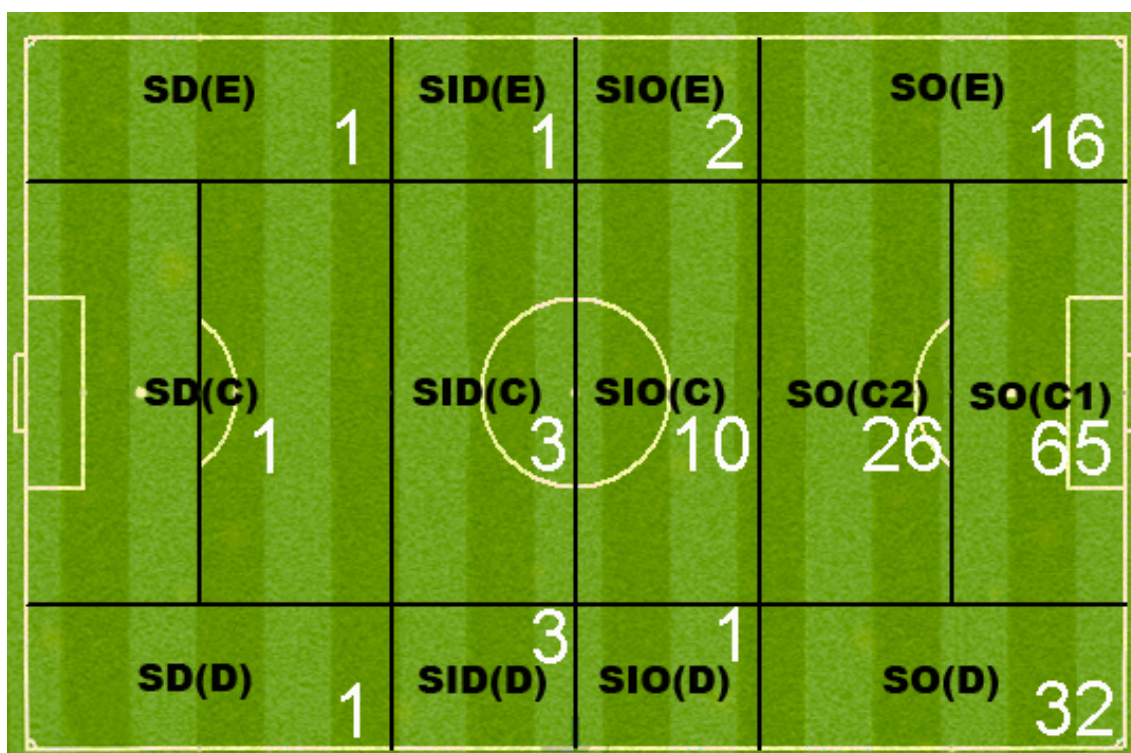


Figura 11: Zonas Utilizadas para o Último Passe no G2 – N° de passes por sector

5.2.5 – Zona Finalização

Nas zonas de finalização das jogadas que resultaram em golo, podemos constatar pela Figura 12, que foi no Sector Ofensivo que, nos dois grupos, ocorreram 99,5% das situações de finalização na Liga Zon Sagres. Podemos analisar que nos dois grupos, o Sector Ofensivo Central 1, assumiu maior preponderância em termos de zona de finalização. As equipas do G1, marcaram 191 golos, em 231, e as do G2 marcaram 134 golos, em 162. O Sector Ofensivo Central 2, zona frontal à grande área, apenas ocorreram 36 golos no G1 e 23 no G2. No Sector Ofensivo Esquerdo, as equipas do G2, marcaram 2 golos enquanto que as equipas do G1 não marcaram qualquer golo.

Pela análise da Figura 12, percebe-se que os resultados são muito similares em ambos os grupos, onde o Sector Ofensivo Central, assume uma grande importância no que diz respeito à zona preferencial para as jogadas que resultam em golo.

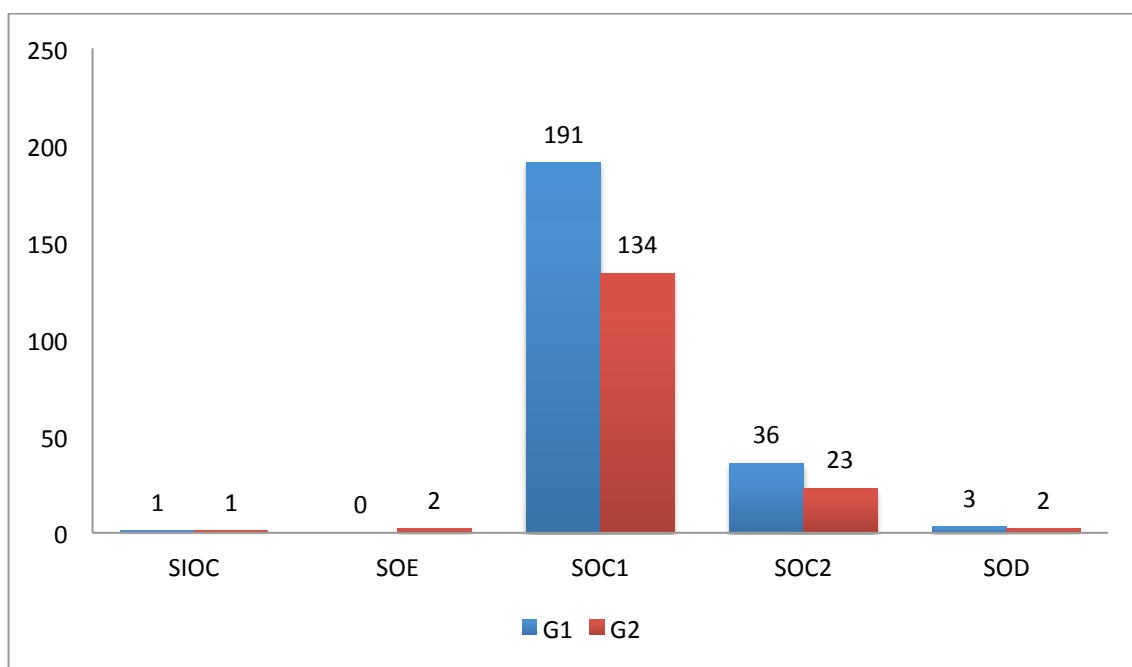


Figura 12: Zonas Finalização no G1 e G2 – Nº de golos por sector ofensivo

5.2.6 – Período de Ocorrência do Golo

Os resultados referentes aos períodos de ocorrência do golo revelam, como demonstra a Figura 13, que no G1 os períodos |16-30| e |61-75|, são aqueles onde ocorrem mais golos. No G2, os resultados revelam maior número de golos nos períodos |16-30| e |61-75|, sendo que apenas no período |1-15| é quando têm menor índice de golos marcados. Através destes resultados é possível perceber que, principalmente no G2 nos primeiros minutos de jogo, a procura do golo não é tão visível como nos restantes períodos. No G1, não existem grandes diferenças desde o primeiro período.

Nos períodos de compensação, o G1 marca mais golos no período |90+| (17 golos), comparativamente ao período |45+| (7 golos). O G2 marca também mais golos no período |90+| (9 golos), comparativamente ao período |45+| (2 golos). Em termos percentuais, na 1ª parte ocorreram mais golos (198) do que na 2ª parte (195), em ambos os grupos.

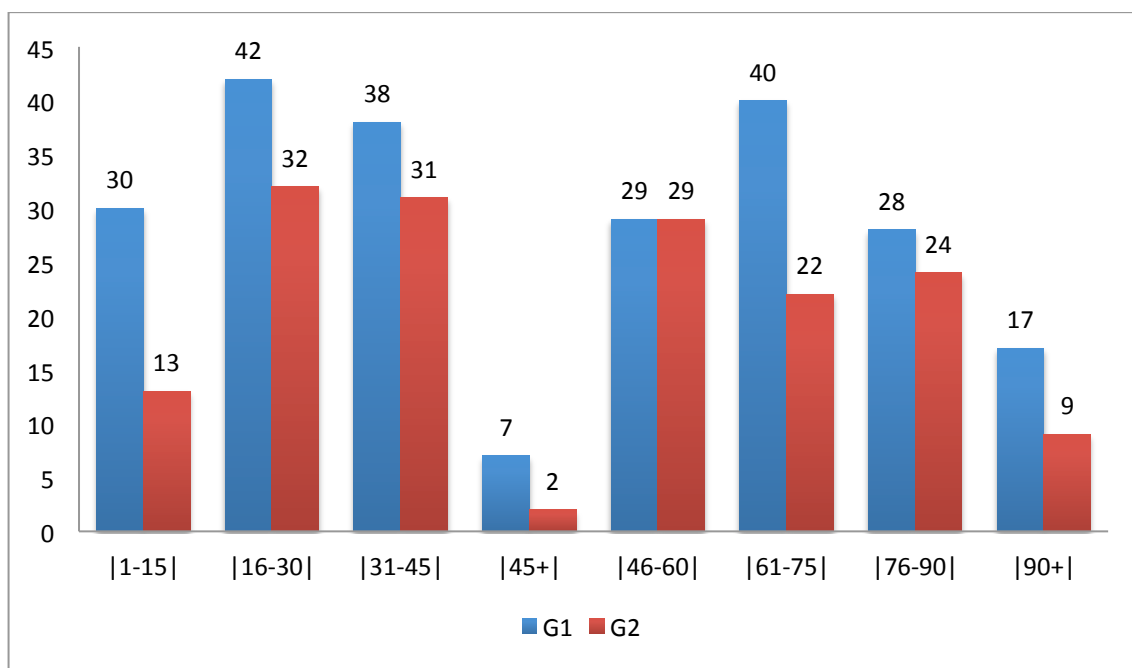


Figura 13: Períodos de Ocorrência do Golo

5.2.7 – 1 vs 1

Os resultados apresentados pelos grupos G1 e G2, vão de encontro aos resultados gerais do estudo apresentado, não existindo por isso grandes diferenças.

No G1 existiram mais situações de um para um, comparativamente ao G2. Em termos percentuais, em 66,9% das jogadas de golo, não existiram situações de um para um nos dois grupos. Houveram, 33,1% situações onde existiu um para um antes do golo.

5.2.8 – Execução do Golo

Nos resultados relativos à execução do golo, no G1 e G2, em 78,9% é executado com o pé sob a forma de remate e apenas 21,1% com a cabeça, através de um cabeceamento. Em ambos os grupos não há diferenças relativamente a forma como é culminada uma jogada que origine golo.

5.3. Variáveis observadas consoante o resultado no momento da obtenção do golo

Consoante o resultado, seja ele a perder, empatado ou a ganhar, as diferenças surgem através da procura rápida do golo, quando o resultado é menos favorável. Isso é verificado quando as equipas estão a perder, face às equipas que estão empatadas e ou a ganhar. O mesmo se sucede em termos de nº de bolas jogadas, onde as médias também são superiores quando menos urgência temos em marcar o golo, o que traduz claramente aquilo que se procura quando temos “urgência” em criar rapidamente, situações onde existe pouca circulação de bola, para chegar à baliza adversária.

“Eu acho que a transição ofensiva e agressiva vai um bocado de encontro ao pânico e à velocidade do futebol actual, há pressão em torno dos

treinadores de vencer, há pouca capacidade de pensar dos jogadores, há o sentido de urgência que o jogo actual tem...é tudo pânico, é tudo velocidade...e transmite um bocado a ideia do que é a sociedade actual...portanto, acho que no jogo encontras esse tipo de traços, portanto a transição agressiva e objectiva, acabasse por encontrá-la mais vezes por isso mesmo...” (Villas-Boas, 2009). Sem dúvida, que existe uma enorme diferença em termos globais para as equipas que ocupam os lugares cimeiros da classificação e as restantes, sendo essa diferença apresentada por Daniel Sousa, 2009, no modo como equilibram defensivamente o ataque.

No futebol actual, existem diferentes abordagens de como enfrentar o adversário nos vários momentos do jogo, sendo que o pensamento nos momentos da procura imediata de situações de finalização sob a forma de transição ofensiva promovem muito mais a subida da equipa no terreno de jogo, permitindo mais espaço ao adversário na zona defensiva, excepto quando existem equipas que permanecem sempre em bloco baixo. Podemos então configurar as transições, tendo em linha de conta, a qualidade de como a equipa sai facilmente ou não de uma determinada zona de pressão, que nos remete logo obviamente para a qualidade dos jogadores, que após recuperarem bola, têm qualidade para passar a bola positivamente para os jogadores da sua equipa.

Num total de 548 golos analisados, o número total de golos quando o RAG-Perder é inferior relativamente ao RAG-Ganhar, 146 e 167 respectivamente. Como é elucidativo na Figura 14, as médias sendo elas muito próximas em termos de tempo (segundos), apresentam uma configuração que nos permite dizer que o tempo entre a recuperação de bola e o golo, aumenta quando o resultado é mais favorável, sendo que por outro lado, quando existe uma maior necessidade de fazer golo, o tempo entre a recuperação e o golo diminui.

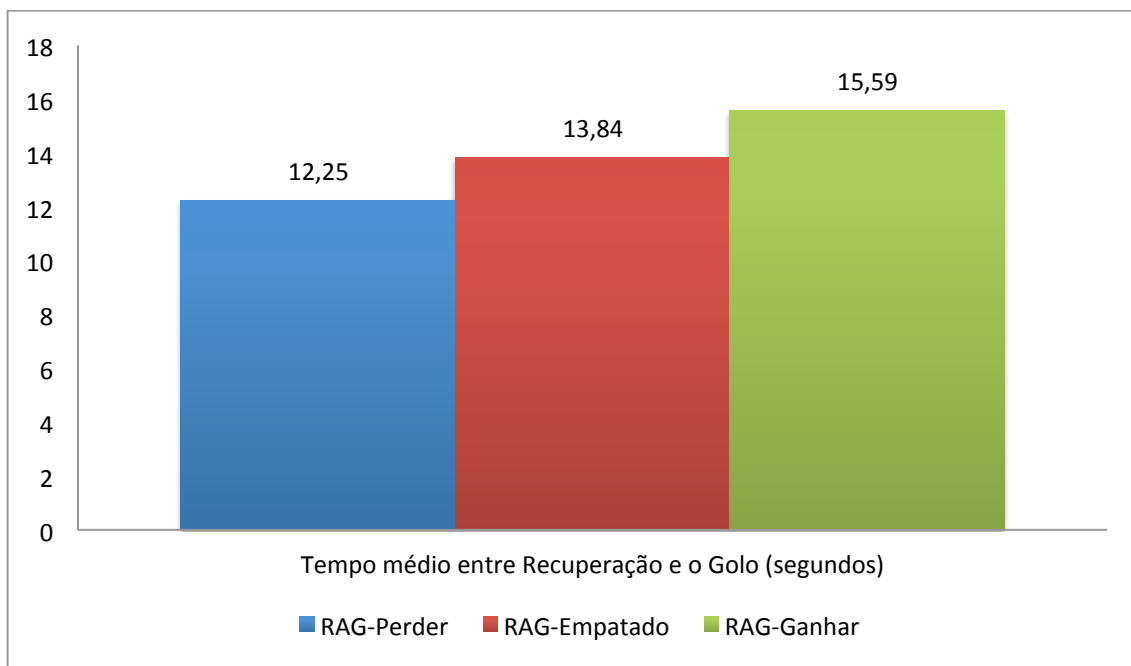


Figura 14: Médias do Tempo médio entre Recuperação e o Golo (segundos)

O mesmo acontece, elucidativo na Figura 15, no que toca ao número de bolas jogadas, onde relativamente ao RAG-Perder a média situa-se nos 4,08 passes, já quando o RAG-Ganhar a média é superior e situa-se nos 5,07 passes, o que revela que menos passes são efectuados quando há um resultado menos favorável e, por outro lado, quando existe um resultado mais favorável um maior número de passes é efectuado.

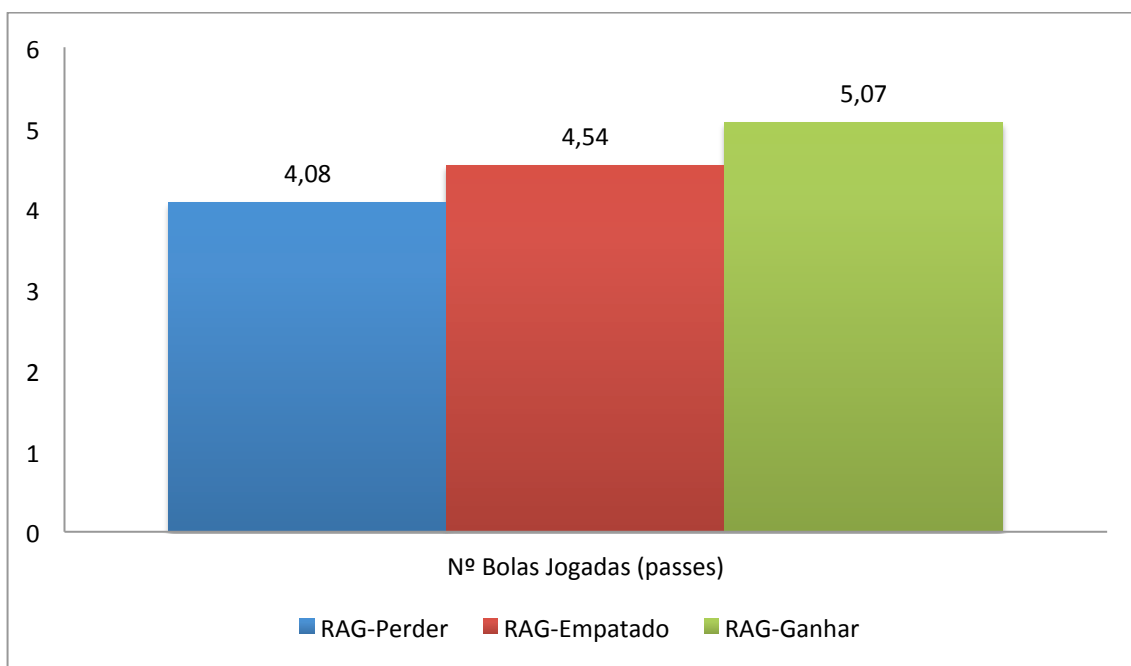


Figura 15: Médias do Número de Bolas Jogadas (passes)

5.3.1 – Golos

A Figura 16 elucida-nos em termos de bola corrida relativamente a uma necessidade clara de, quando uma equipa está empatada (119 golos) ou a ganhar (80), criar e ter uma disponibilidade psicológica diferente, face ao resultado, de poder desenvolver jogadas de ataque organizado sob a forma de bola corrida para o golo. Essas mesmas jogadas, são menos visíveis (48 golos), quando o resultado é negativo, RAG-Perder, e onde a procura da baliza adversária é efectuada através de menos passes, ou seja, procura-se muito mais através de 1, 2, 3, 4 (nº de bolas jogadas – passes) até ser golo, o que nos remete para a questão de que, a “*cultura de urgência*” em se procurar situações de transição, é mais patente nas situações menos favoráveis do jogo.

Como treinador, o momento do golo, seja ele feito sob a forma de bola corrida ou através de um lance de bola parada, a imprevisibilidade estará sempre presente no sentido em que nunca existirá uma jogada, X, Y ou Z, que possa definir como sendo um padrão para acontecer no jogo e que possa culminar em golo, sendo que em lances de bola parada, poderemos já elaborar uma forma clara e específica de abordagem à baliza adversária. Tudo isto depende sempre da forma como o adversário irá ler o momento do jogo, e isso torna o futebol não só nos momentos do golo mas também em todo o seu desenrolar como sendo, por vezes, anárquico e onde o imprevisível está sempre presente.

O número de golos feitos sob a forma de um lance de bola parada, quando o RAG-Perder, é superior, relativamente ao RAG-Ganhar. Há uma procura, maior, por parte das equipas portuguesas em criar situações favoráveis à ocorrência de um lance de bola parada. A probabilidade aumenta significativamente quando é possível colocar mais jogadores perto da baliza adversária para criar situações de golo e potenciar aquilo que poderá ter sido trabalhado pelo treinador para este tipo de lances. Os resultados mostram que, no RAG-Perder, há um maior número de golos que surgem em lances de bola parada (98 golos) face aos golos que surgem através de uma jogada (48 golos).

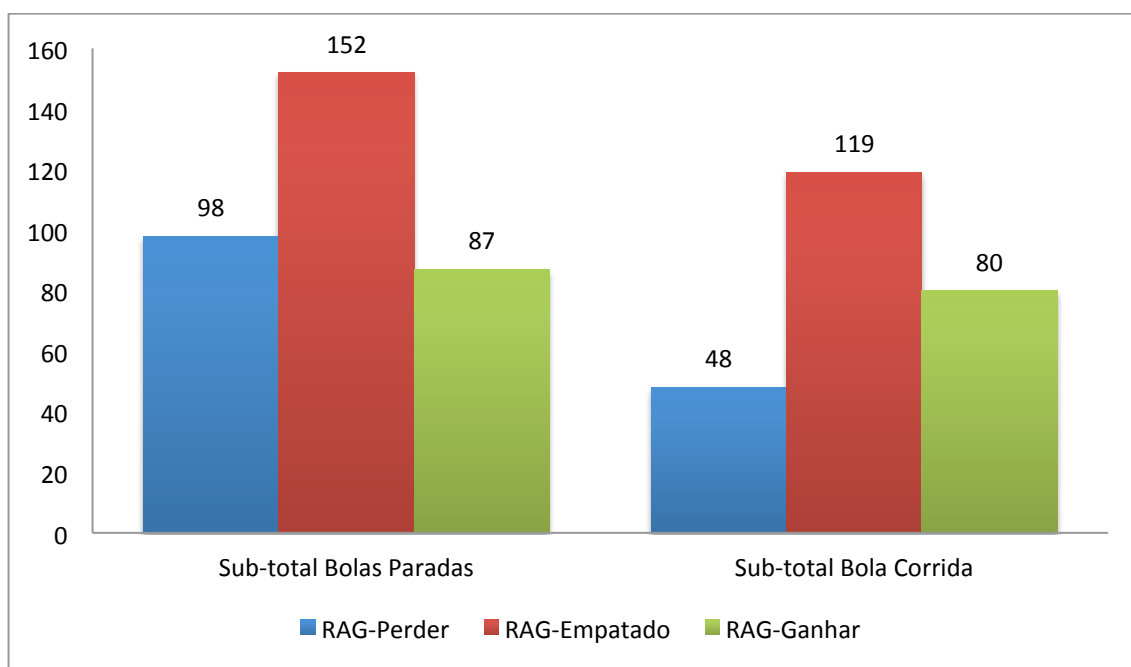


Figura 16: Sub-total de Lances de Bola Corrida e Bola Parada

5.3.2 – Número de corredores utilizados

Nos resultados referentes ao número de corredores, por onde a bola passou antes do golo verificamos que, através da análise da Figura 17, o RAG-Empatado é o que tem sempre mais golos em qualquer dos corredores analisados. O RAG-Perder (44 golos), quando a bola passa por apenas 1 corredor, é superior face ao RAG-Ganhar (30 golos), pois há uma necessidade quando o resultado não é favorável à equipa de esta ser o mais objectiva possível, ou seja, procurar de forma eficaz a baliza adversária e promovendo uma circulação de bola mais vertical possibilitando um jogo mais directo, leva a que a utilização de 1 corredor seja a melhor solução para encontrar a baliza adversária, como demonstram os resultados deste estudo.

Quando o RAG-Ganhar, a utilização de 2 corredores é mais utilizado para as jogadas culminarem em golo, assim como o RAG-Empatado. A utilização de 3 corredores, é em ambos os grupos, a menos utilizada para jogadas que culminem em golo.

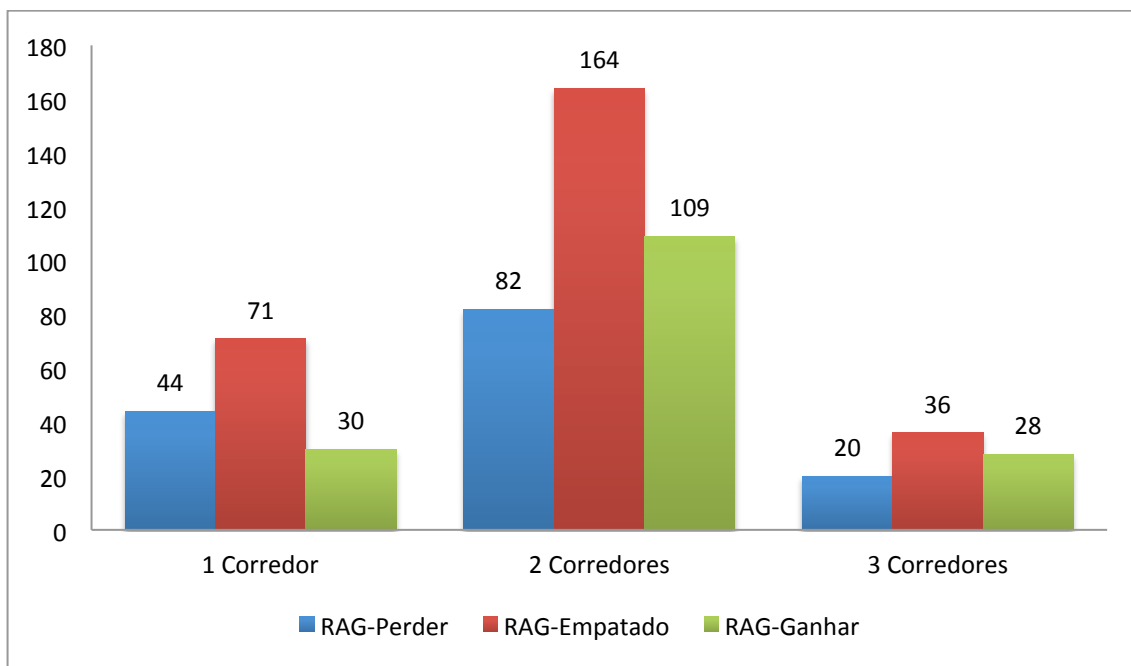


Figura 17: Golos obtidos pelo Número de Corredores

5.3.3 – Zona Início do Processo Ofensivo

Os resultados referentes à Zona do Início de Processo Ofensivo, quando RAG-Perder, RAG-Empatado e RAG-Ganhar, elucidativos nas Figuras 18, 19 e 20, revelam uma tendência para a recuperação da posse de bola ser superior quando uma equipa se encontra empatada, seguindo-se quando se encontra a ganhar e por fim quando se encontra a perder.

Relativamente aos sectores de recuperação da posse de bola, os resultados demonstram que no total, 43,3% das recuperações surgem no Sector Defensivo, 30% no Sector Intermédio Defensivo, 15,4% no Sector Intermédio Ofensivo e 11,3% no Sector Ofensivo, sendo o corredor central o mais utilizado para o início do processo ofensivo.

Nos resultados apresentados, e com a ajuda da Figura 20, é possível perceber que só existiram 4 recuperações de bola no Sector Ofensivo quando o RAG-Ganhar. O que demonstra, que as equipas quando estão a ganhar, não arriscam tanto em pressionar em zonas tão ofensivas do terreno de jogo.

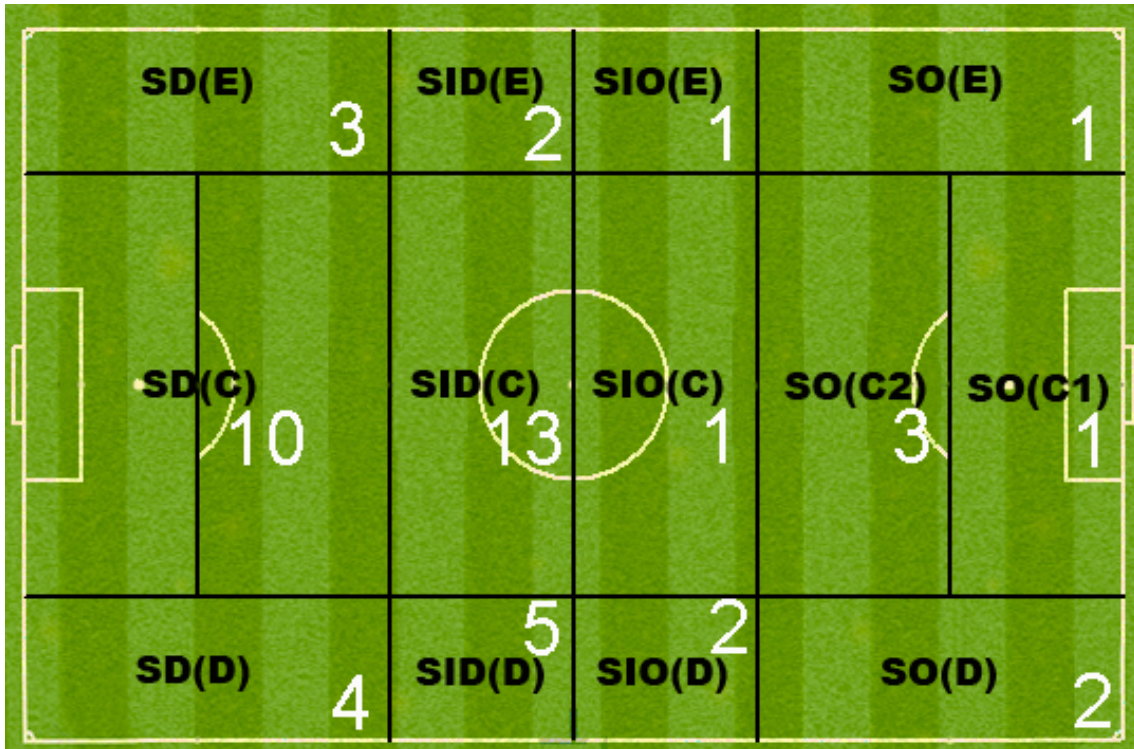


Figura 18: Zonas de Início do Processo Ofensivo RAG-Perder – N° de bolas recuperadas por sector

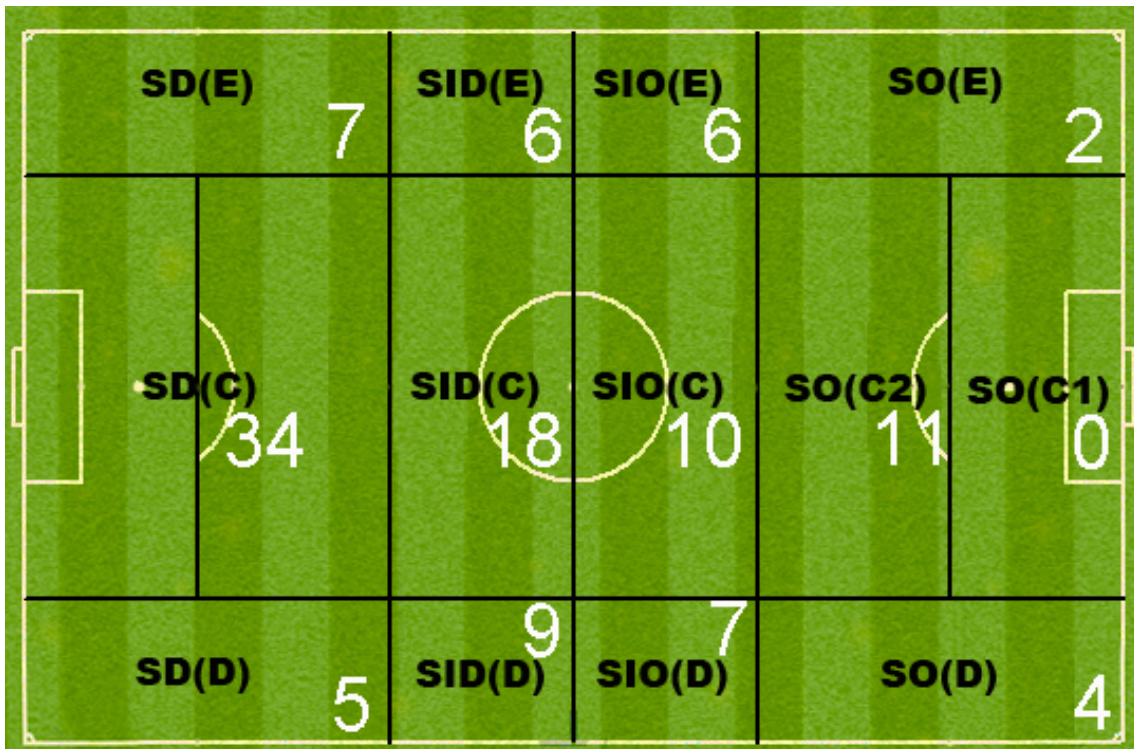


Figura 19: Zonas de Início do Processo Ofensivo RAG-Empatado – N° de bolas recuperadas por sector

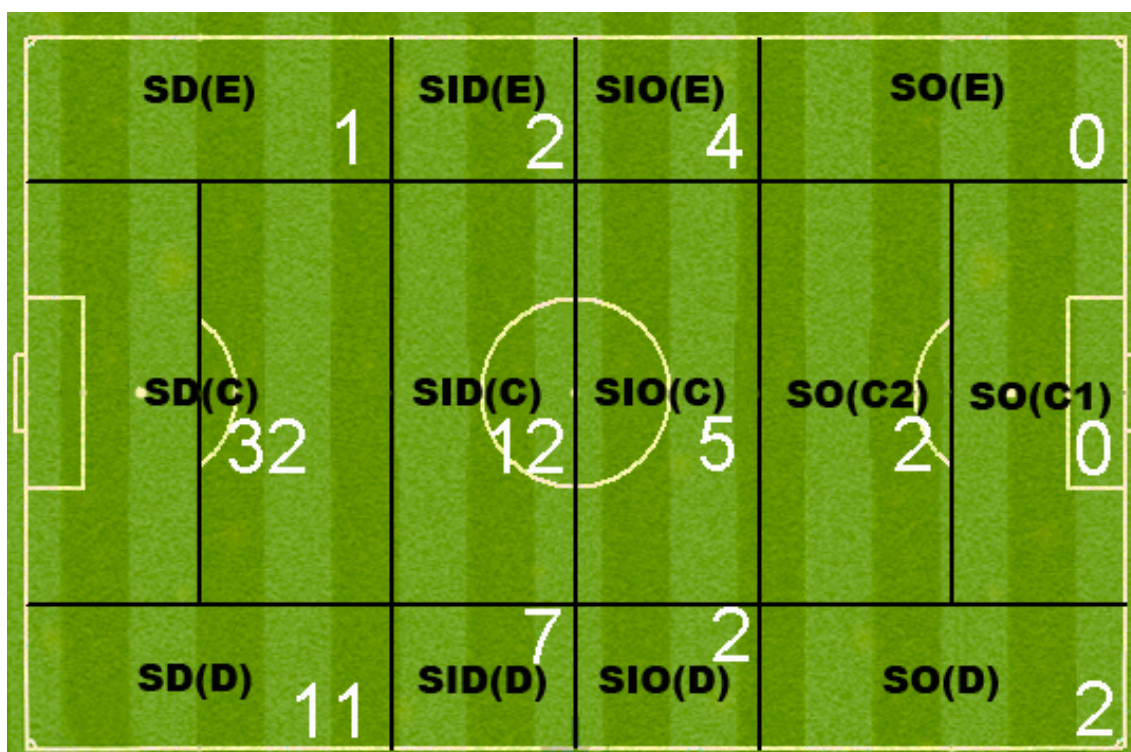


Figura 20: Zonas de Início do Processo Ofensivo RAG-Ganhar – Nº de bolas recuperadas por sector

5.3.4 – Zona Utilizada para o Último Passe

Os resultados referentes à Zona Utilizada para o Último Passe, apresentados nas Figuras 21, 22 e 23 revelam que face a qualquer resultado, 86% dos passes foram efectuados no Sector Ofensivo, sendo por isso a zona mais utilizada para o último passe antes do golo. O Sector Ofensivo Central 1 foi superior nas três hipóteses de resultado possíveis. Relativamente aos últimos passes efectuados no Sector Ofensivo Esquerdo e Direito, é visível que os valores estão equilibrados nas três hipóteses de resultado possíveis, a diferença recai para uma maior predominância de utilização do Sector Ofensivo Direito para a realização do último passe.

Os últimos passes efectuados no Sector Defensivo, e no Sector Intermédio Defensivo são superiores quando o RAG-Empatado e RAG-Ganhar, verificando-se que quando o RAG-Perder as equipas estão posicionadas num bloco mais alto, ou seja, de forma mais ofensiva no terreno de jogo.

Desta forma, os sectores mais avançados do terreno de jogo, independentemente dos resultados que as equipas estejam a ter, são os que têm uma maior propensão para a realização de assistências para golo, sendo que os últimos passes são efectuados para as zonas mais próximas e frontais à baliza adversária.

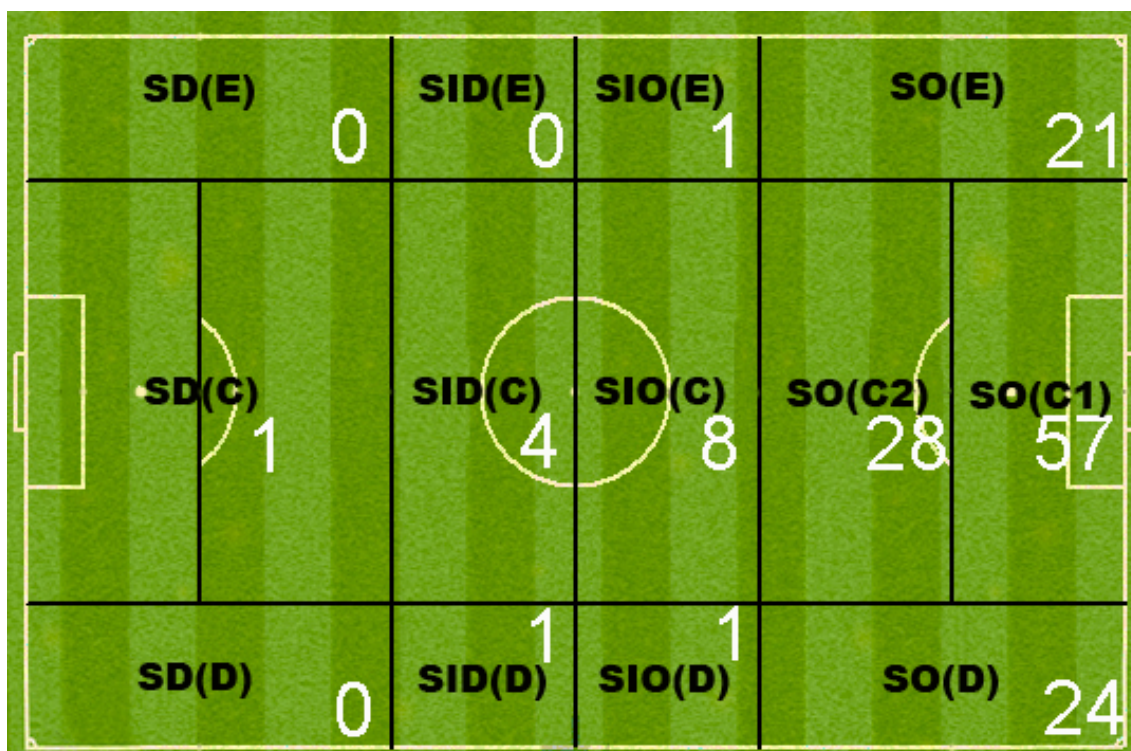


Figura 21: Zonas Utilizadas para o Último Passe no RAG-Perder – Nº de passes por sector

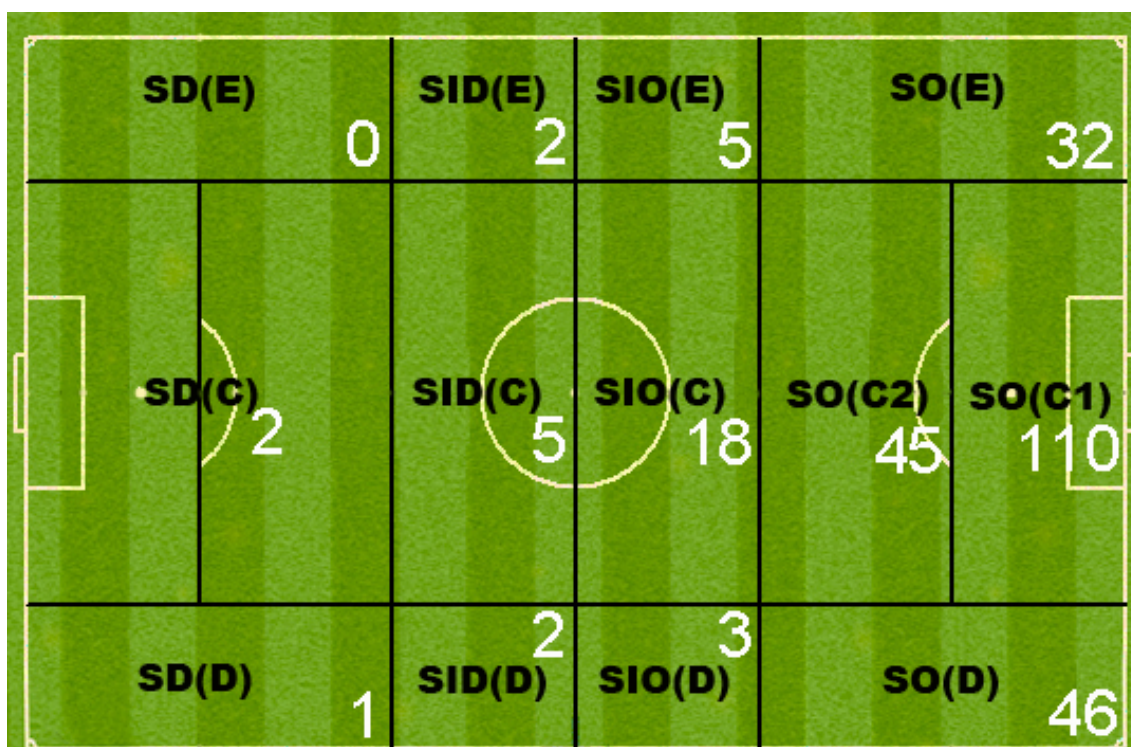


Figura 22: Zonas Utilizadas para o Último Passe no RAG-Empatado – Nº de passes por sector

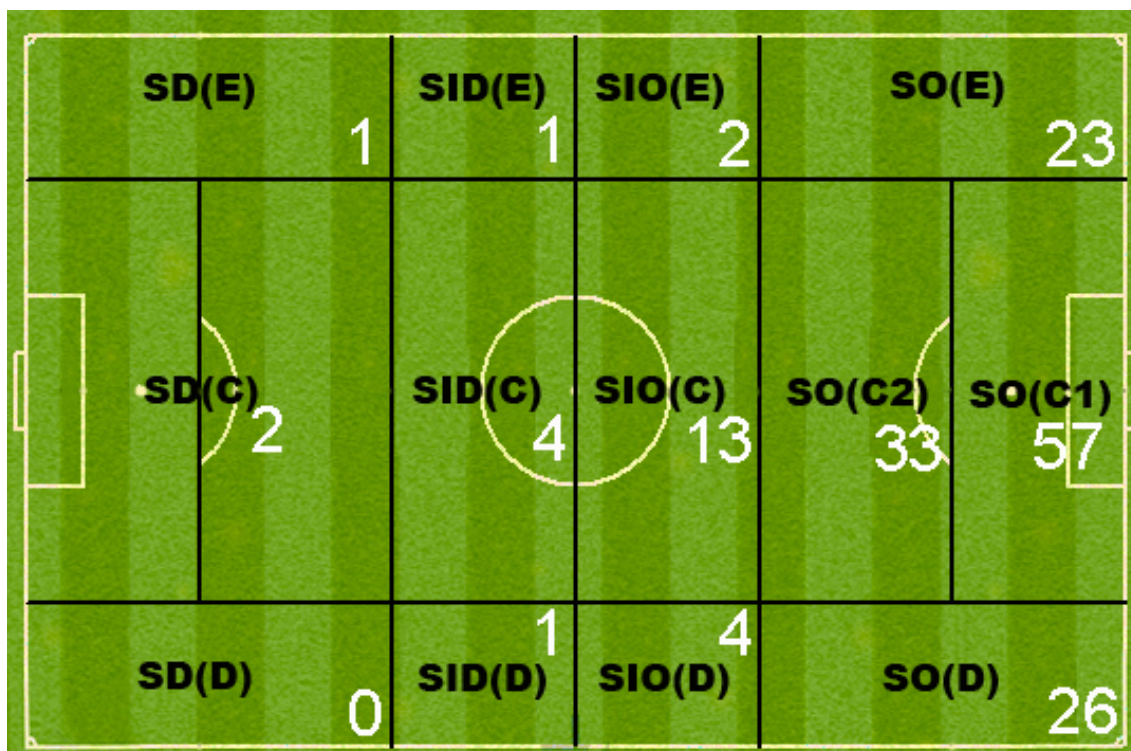


Figura 23: Zonas Utilizadas para o Último Passe no RAG-Ganhar – N° de passes por sector

5.3.5 – Zona Finalização

Nas zonas de finalização das jogadas que resultaram em golo, podemos constatar pela Figura 24, que foi no Sector Ofensivo Central 1 e 2 que ocorreram maioritariamente as situações de finalização na Liga Zon Sagres. Quando as equipas estavam empatadas, marcaram 229 golos, em 271 possíveis no Sector Ofensivo Central 1, sendo por isso o resultado que mais potenciou a finalização.

Pela análise da Figura 24, percebe-se que os resultados são muito similares em ambos os resultados possíveis, e onde o Sector Ofensivo Central, assume uma grande importância (99,7%) no que diz respeito à zona preferencial para as jogadas que resultam em golo, sendo por isso o sector mais “fértil” em finalizações.

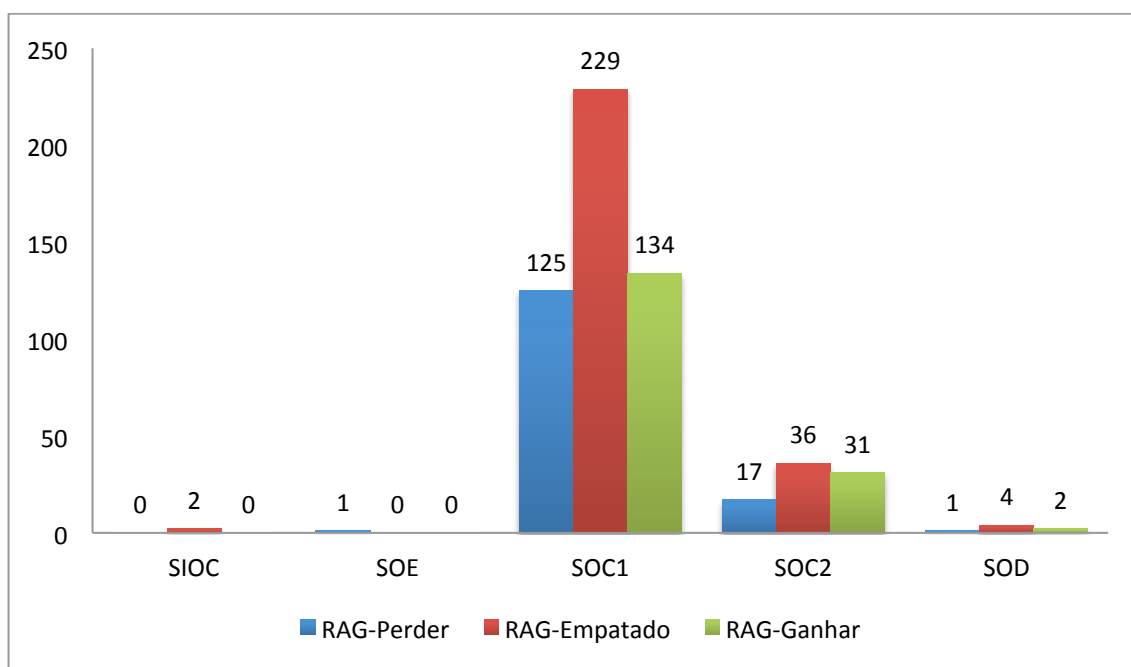


Figura 24: Zonas Finalização – N° de golos por sector ofensivo

5.3.6 – Período de Ocorrência do Golo

Os resultados referentes aos períodos de ocorrência do golo revelam, como demonstra a Figura 25, que no períodos [16-30] é quando ocorrem mais golos quando o resultado se encontra empatado (68 golos), seguindo-se o período [1-15] com 55 golos. O período [61-75] é quando ocorrem mais golos quando se está a ganhar.

Nos períodos de compensação, quando se está a ganhar o período [45+] tem um maior número de golos, sendo que quando se está a perder este revela-se como sendo o período onde menos golos se marcam. O período [90+] é quando as equipas estão a perder marcam mais golos (15), sendo que apenas é superado pelas equipas que estão a ganhar (19 golos).

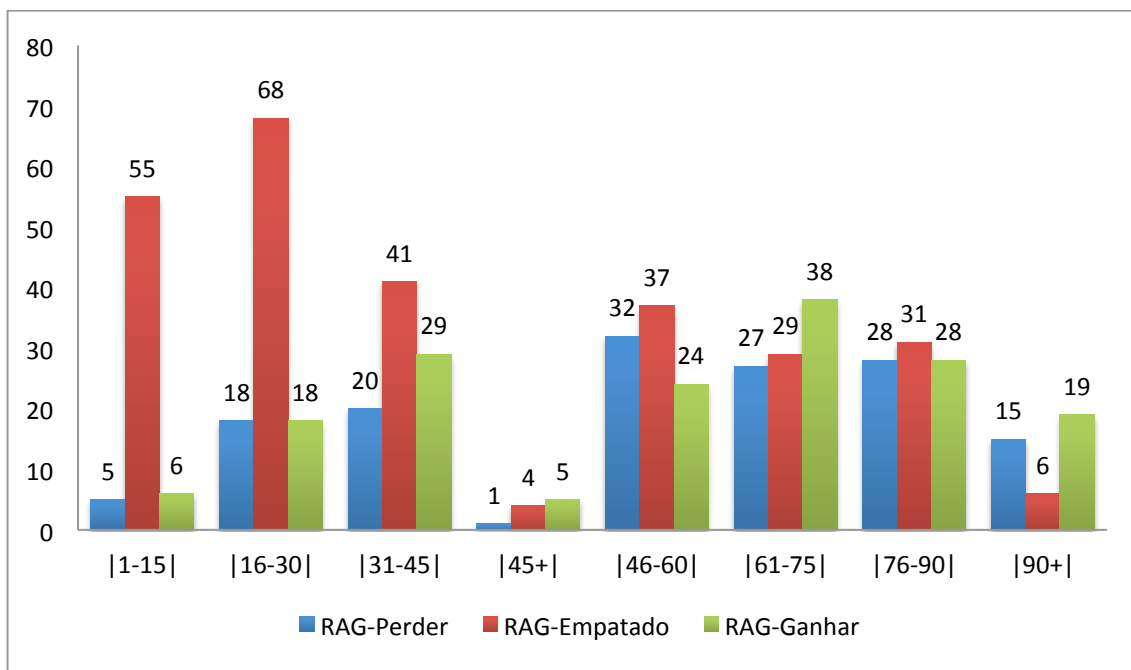


Figura 25: Períodos de Ocorrência do Golo

5.3.7 – 1 vs 1

Quando uma equipa se encontra a ganhar, os resultados revelam que existem mais situações de um para um (58 golos), face às equipas que estão a perder (43 golos). Quando estamos perante um empate, é quando existe um maior número de situações de um para um (73 golos).

5.2.8 – Execução do Golo

Os resultados relativos à execução do golo, revelam que quando uma equipa está a perder (39 golos), existe um maior número de lances de finalização através de um cabeceamento face às equipas que estão a ganhar (25golos).

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES

6.1. Conclusões

Os resultados obtidos no nosso trabalho, relativo às acções ofensivas que finalizadas em golo realizadas pelas equipas presentes na 1ª Liga Portuguesa de Futebol Profissional (Liga Zon Sagres 2010/2011), indicam-nos que:

- O tempo entre a recuperação da posse de bola e o golo, resultante das acções ofensivas foram, de um modo geral, de curta duração, apresentando uma média de aproximadamente 14 segundos e onde o número de bolas jogadas (passes) foi de aproximadamente 5. Os resultados demonstram que a grande maioria das equipas valorizam aproveitar rapidamente a desorganização defensiva da equipa adversária, provocada pela perda de bola, e alcançarem a baliza. Relativamente aos grupos divididos, consoante a classificação, o grupo G1 obteve resultados médios superiores ao G2, onde supomos que isto se correlaciona com um estilo de jogo mais indirecto e ao mesmo tempo mais idealizado, ou seja, com uma qualidade/capacidade de circulação de bola entre os seus jogadores, diferente, dos jogadores que pertencem às equipas classificadas no G2. O mesmo acontece consoante o resultado, onde os resultados médios são superiores quando as equipas se encontram a ganhar, seguindo-se as equipas que se encontram empatadas e por fim, as equipas que estão a perder, têm médias mais baixas.
- Dos 584 golos analisados, destacamos que 247 golos foram marcados sob a forma de bola corrida e que 337 golos foram marcados sob a forma de lances de bola parada, que correspondem a 57,4% da totalidade da amostra do nosso estudo, sendo que os livres indirectos foram os mais observados, seguindo-se os de canto, lançamento lateral,

penálti, livre directo e por último começo de jogo. Relativamente aos grupos G1 e G2, ambos tiveram mais golos marcados sob a forma de lance de bola parada, tendo o G2 uma diferença maior relativamente ao G1. Consoante o resultado, as percentagens são semelhantes, sendo que as equipas que se encontram empatadas têm valores superiores às que se encontram a ganhar e depois as que se encontram a perder.

- Todas as equipas, independentemente do nível de sucesso obtido optaram, nas acções ofensivas que resultaram em golo pela conjugação de dois corredores, existindo portanto, a intenção clara das equipas alcançarem a baliza adversária num curto espaço de tempo com movimentos colectivos e individuais maioritariamente verticais. Nos grupos G1 e G2, em ambos se verificam a preferência da utilização de dois corredores, seguindo-se um corredor e por fim a utilização dos três corredores. Consoante o resultado, os resultados médios são iguais, sendo que as equipas que se encontram empatadas têm valores superiores às que se encontram a perder e depois as que se encontram a ganhar.
- Os resultados relativos à Zona de Início do Processo Ofensivo, revelam que o sector defensivo (43,2%) é onde existe um maior número de recuperações de bola, seguindo-se o sector intermédio defensivo (30%), sector intermédio ofensivo (15,4%) e por fim o sector ofensivo (11,3%). Em todos os sectores, o corredor central revela-se como sendo o mais importante nas recuperações de bola, seguindo-se o direito e por fim o esquerdo. Em ambos os grupos G1 e G2, verificaram-se os mesmos resultados em termos de sectores, mas com percentagens inferiores para o G2. Consoante o resultado, as percentagens são semelhantes, sendo que as equipas que se encontram empatadas têm valores superiores às que se encontram a ganhar e depois as que se encontram a perder. As equipas quando se encontram a ganhar, têm valores inferiores relativamente às equipas que se encontram empatadas ou a

perder, o que revela que estas não arriscam tanto em zonas tão ofensivas do terreno de jogo.

- Os resultados das Zonas Utilizadas para o Último Passe, revelam que é no sector ofensivo que se realizam 86% dos passes para golo, sendo a zona frontal à baliza, a mais procurada (corredor central), verificando-se um importante contributo dos últimos passes realizados nos corredores laterais, sendo o sector ofensivo direito o mais solicitado. Nos dois grupos G1 e G2, verificaram-se os mesmos resultados, mas com percentagens inferiores para o G2. Consoante o resultado, as percentagens são semelhantes, sendo que as equipas que se encontram empatadas têm valores superiores às que se encontram a ganhar e depois as que se encontram a perder. Consoante o resultado, as percentagens são semelhantes, sendo que as equipas que se encontram empatadas têm valores superiores às que se encontram a ganhar e depois as que se encontram a perder. As equipas quando se encontram a perder estão posicionadas num bloco mais baixo, ou seja, de forma mais ofensiva no terreno de jogo.
- As zonas de finalização mais utilizadas foram o Sector Ofensivo Central 1 (grande área) com 83,6% de golos marcados, seguindo-se o Sector Ofensivo Central 2 (zona frontal à grande área) com 14,4%. Nos dois grupos G1 e G2, em termos sectoriais os resultados foram os mesmos, sendo que as equipas do G2 pareceram ter uma maior tendência para finalizarem no Sector Ofensivo Central 2, comparativamente ao Sector Ofensivo Central 1. Consoante o resultado, as percentagens são semelhantes, sendo que as equipas que se encontram empatadas têm valores superiores às que se encontram a ganhar e depois as que se encontram a perder. O Sector Ofensivo Central é o sector mais “fértil” em finalizações.
- Os períodos de ocorrência de golo, revelam que numa fase inicial do jogo não é tão visível, a procura do golo, como nos restante períodos, existindo por isso uma diferença mais acentuada comparativamente à

2ªParte. Nos períodos de compensação é visível que no período |90+|, a procura do golo é maior comparativamente ao período |45+|. Nos grupos G1 e G2, é visível que no G2 a procura do golo no início do jogo não é tão acentuada como nos restantes períodos. Consoante o resultado, as percentagens são semelhantes, sendo que as equipas que se encontram empatadas têm valores superiores às que se encontram a ganhar até ao período |46-60| inclusivé, sendo que depois excluindo apenas o período |76-90|, as equipas que estão a ganhar têm maior número de golos marcados.

- Relativamente à existência de situações de um para um, drible/finta, 70,2% dos golos não houve situações de um para um. Nos grupos G1 e G2, verificaram-se os mesmos resultados, mas com percentagens obviamente diferentes. Consoante o resultado, as percentagens revelam que quando as equipas estão empatadas, existe um maior número de situações de um para um.
- O modo de finalização das acções ofensivas, ou seja, a execução do golo, revelam que 80,3% foi com o pé e apenas 19,7% com a cabeça, havendo uma maior propensão obviamente para a finalização ser realizada sob a forma de remate. Em ambos os grupos G1 e G2, os mesmos resultados verificam-se, mas com percentagens obviamente diferentes, sendo inferiores os resultados do G2 comparativamente ao G1. Consoante o resultado, os resultados revelam que quando uma equipas está a perder, os golos sob a forma de cabeceamento são superiores face às equipas que estão a ganhar.

Todos estes resultados parecem demonstrar que, nas acções ofensivas que resultaram em golo, as equipas dotadas de uma maior qualidade de jogadores e que estão nos lugares cimeiros da classificação, apresentam um maior número de passes, utilizaram um maior número de corredores e o tempo entre a recuperação de bola e o golo foi superior relativamente às equipas que estão classificadas nos lugares mais abaixo na classificação.

6.3. Sugestões para futuras pesquisas

Do volume de resultados gerado pelo nosso estudo, levantam-se algumas questões que consideramos ser merecedoras de investimento em futuras pesquisas:

- Alargar a amostra para ligas europeias, como 1ª Liga Inglesa, Espanhola, Italiana, Alemã, Francesa, Holandesa entre outras, para se puderem comparar resultados entre países diferentes e com culturas e maneiras de perceber o futebol, diferentes das que encontramos em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

Amieiro, N. (2004): "Defesa à zona" no Futebol: A "(Des)franfensteinização" de um conceito. Uma necessidade face à "inteireza inquebrantável" que o "jogar" deve manifestar. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.

Barreira, D. (2006). *Transição defesa-ataque em Futebol. Análise Sequencial de padrões de jogo relativos ao Campeonato Português 2004/05. Dissertação de Licenciatura.* Porto: FADEUP.

Barros, L. (2002): Estudo descritivo das sequências ofensivas positivas finalizadas pelo Brasil, Seleção Campeã do Mundo, durante o campeonato mundial Coreia/Japão 2002. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.

Bezerra, P. (1995): Análise do comportamento do jogador com bola no futebol. Estudo de uma equipa de alto rendimento no Mundial de sub-20. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.

Bolt, B. (2000). Using computers for qualitative analysis of movement. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*, 71 (3), 15 - 18.

Brito, A. (1994). *Observação directa e sistemática do comportamento.* Cruz Quebrada: FMH.

Cabezón, J.M. e Fernández, J. (1996): La mappa del gol. Notiziario settore tecnico – FIGC, 4: 16-21.

Carling, C.; Williams, M. & Reilly, T. (2005): Handbook of soccer match analysis: A systematic approach to improving performance. London: Routledge.

Castelo, J. (1994): Futebol, Modelo técnico-tático do jogo. Lisboa.

Edições FMH.

Castelo, J. (1996): Futebol - A organização do jogo. Lisboa: Edição do autor. Lisboa

Cherry, A. O. (2000): A importância dos lances de bola parada no Campeonato do Mundo "França 98". Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.

Constantino, J. M. (2007): Os valores educativos do desporto – representações e realidades. In J. O. Bento & J. M. Constantino (Eds.), em defesa do Desporto – Mutações e Valores em conflito, 57-79: Almedina Edições, SA.

Contreras, M. I. & Ortega, J. P. (2000): La Observación en los deportes de equipo. Lecturas Educación Física y Deportes, Revista Digital. Ano 5. 18. <http://www.efdeportes.com>.

Costa, H. (2005): Análise do jogo em Futebol – Caracterização do processo ofensivo da Selecção Alemã Sénior de Futebol Feminino – Estudo de caso. Dissertação de Mestrado. UTL – FMH.

Cruyff, J. (1993). *Mis futbolistas y yo*. Barcelona: Ediciones B.

Cunha, P. (1999): O comportamento ofensivo em Futebol – Estudo das acções realizadas pela equipa da França ao longo do Campeonato do Mundo França 1998. Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP.

Damas, M. & Ketele, J. (1985). *Observar para avaliar*. Coimbra: Livraria Almedina.

Dufour, W. (1993): Computer-assisted scouting in soccer. IN *Science and football II*: 160-166. Proceedings of the second World Congress of Science and Football. Eindhoven. Netherlands, 1991. T. Reilly, J. Clarys & A. Stibbe

(Eds.). E. & F. N. Spon. London.

Franks, I., Goodman, D. & Miller, G. (1983). Analyse de la performance. Qualitative ou quantitative? *Science du Sport*, GY - 1, 1 - 7.

García, J. (2000). *Balonmano. Perfeccionamiento e investigación*. Barcelona: INDE.

Garganta, J. (1993b): O Ensino do Futebol – Questões metodológicas. Comunicação apresentada ao Seminário: *A Formação e o Desenvolvimento do Jovem praticante de Futebol*, organizado pelo Leixões Sport Clube, 20 de Novembro de 1993, Câmara Municipal de Matosinhos.

Garganta, J. e Pinto, J. (1995): O Ensino do Futebol. IN *O Ensino dos Jogos Desportivos*: 95-135. A. Graça & J. Oliveira (Eds.). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. FCDEF-UP.

Garganta, J. (1996). Modelação da Dimensão Tática do Jogo de Futebol. In J. Oliveira & F. Tavares (Ed.), *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos FCDEF-UP, pp. 63-82.

Garganta, J. (1997): Modelação tática do jogo de futebol: Estudo da organização ofensiva em equipas de alto rendimento. Dissertação de Doutoramento (não publicada). FCDEF-UP.

Garganta, J. & Pinto, J. (1998). O Ensino do Futebol. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos deportivos, 3ª Ed.* (pp. 95 – 135). Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, FCDEF-UP.

Garganta, J. & Gréhaigne, J. (1999). Abordagem Sistémica do Jogo de Futebol: Moda ou Necessidade? *Revista Movimento*, 10, 40-50.

Garganta, J. (1999a). La Prestacion Energetico Funcional del

Calciatore. *Teknosport*, 11, 18 – 27.

Garganta, J. (2000). O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In J. Garganta (Ed.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos* (51-61). CEJD, FCDEF-UP.

Gréhaigne, J. (2001). *La organización del juego en el fútbol*. Barcelona: INDE Publicaciones.

Guilherme Oliveira, J. (2004): Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para definição do processo ensino-aprendizagem/treino do jogo. Tese de Mestrado não publicada. FCDEF-UP:Porto.

Jinshan, X; Xiaoke, C.; Yamanaka, K. & Matsumoto, M. (1993): Analysis of the goals in the 14th World Cup. IN *Science and Football*. 203-205. T. Reilly, J. Clarys, A. Stibbe (Eds.). E. & F.N. Spon. London.

Lopes, R. (2005). O *Scouting* em Futebol. Importância atribuída pelos treinadores à forma e ao conteúdo da observação ao adversário. *Dissertação de Licenciatura*. Porto: FCDEF-UP.

Maças, V. (1997): Análise do jogo de Futebol: identificação e caracterização do processo ofensivo em selecções nacionais de Futebol Júnior. *Dissertação de Mestrado*. UTL-FMH.

Mombaerts, E. (1991): Football, de L'analyse du jeu à la formation du joueur. Ed. Actio. Joinville-le-pont. France.

Moreno, J. H. (1994): Análisis de las estructuras del juego deportivo. Publicaciones INDE. Barcelona.

Olsen, E. & Larsen, O. (1997): Use of match analysis by coaches. In proceedings of the third world congress of science and football: 209-220. T. Reilly, J. Babgsbo & M. Hughes (eds.). E. & F.N. Spon. London.

Queiroz, C. (1983): Para uma teoria do ensino/treino em futebol. *Futebol em revista*, 4(1): 47-49.

Reilly, T. & Williams, A. M. (2005). *Science and Soccer* (2ª ed.). Oxon: Routledge.

Rocha, J. (1996). *Scouting – a realidade dos sub-22*. Tese monográfica de Licenciatura não publicada. Porto: FCDEF-UP.

Teodorescu, L. (1984): Problemas de teoria e metodologia de treino nos jogos desportivos. Livros Horizonte. Lisboa.

Yiannakos, A. & Armatas, V. (2006): Evaluation of the goal scoring patterns in European Championship in Portugal 2004. *International Journal of Performance Analysis in Sport*. 11, 178-188, University of Wales Institute, Cardiff.

Anexo

(Tabela utilizada para contabilização dos golos)



Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
UNIVERSIDADE DE COIMBRA